

I

PARA A FORMAÇÃO DE UM CLERO DIOCESANO

Discurso de S. S. João XXIII aos Superiores Provinciais dos Institutos de Perfeição da Itália- 15 de novembro de 1960 (1)

Reuniu-se pela segunda vez, em novembro do ano passado, a Assembléia do Comité dos Superiores Provinciais dos Institutos masculinos de perfeição da Itália, criado em 1958. Desde 1951 funcionava em Roma o Comité Internacional dos Superiores Gerais, com reuniões mensais e outras atividades que mais tarde vieram inspirar a fundação das Uniãoes ou Conferências de Superiores Maiores nos vários países do mundo. O novo Comité reuniu-se pela primeira vez em Assembléia em 1958; agora, reunido pela segunda vez, dedicou suas atividades ao estudo de vários problemas, entre os quais o da melhor organização das Escolas Apostólicas, os meios apropriados para a formação espiritual da juventude chamada ao estado de perfeição, a idade mais oportuna para a admissão ao noviciado, etc. Os participantes da Assembléia por S. Emcia. o Cardeal Valeri foram apresentados a S. Santidade o Papa, que lhes dirigiu a seguinte alocução:

Queridos filhos,

E' motivo de satisfação receber-vos sob a qualificada denominação de Superiores Provinciais dos Institutos de Perfeição masculinos, no comêço desta segunda Assembléia Romana, que goza da simpatia animadora da Congregação dos Religiosos.

E. êste prazer aumenta na visão das energias espirituais, jubilosas e atuantes, que vós representais, constantemente visando a afirmação do nome e do ensinamento do Divino Redentor.

Fizestes-Nos conhecer o escopo da reunião em Roma, que estende para novos horizontes vossas atividades. Disso Nos felicitamos.

Aprofundar o entendimento entre os Superiores Provinciais de cada Instituto, estudar os problemas da formação religiosa, especialmente dos jovens,

transmitir-vos os frutos das diversas experiências de governo e de ação apostólica, para, com maior preparo, vir ao encontro das exigências da vida moderna, tudo isto é digno de relêvo e de estímulo.

COLABORAÇÃO DAS ORDENS RELIGIOSAS ENTRE SI E COM O CLERO SECULAR.

Nos últimos quarenta anos multiplicaram-se as diretivas de Nossos Predecessores para uma ação de apostolado sincrônica, convergente, que não seja exposta a demoras inúteis e prejudiciais, por falta de combinação, por pretensões de exclusividade no trabalho, ou, Deus não queira, por uma certa forma de intolerância para a obra, assim mesmo preciosa, desenvolvida por outros no mesmo campo do Senhor. Essa colaboração, conforme o pensamento dos Romanos Pontífices, exige a formação, sobre o mesmo plano de entendimento e para um êxito eficaz, de todo o Clero que trabalha em cada diocese, o secular e o regular, para de boa mente secundar a vontade e as indicações do Bispo.

Nós recebemos esta herança como um dever sagrado. Uma amostra de Nossas solitudes neste sentido encontra-se no Sínodo celebrado em Veneza, em novembro de 1957. E folgamos lembrar que aquêle Nosso propósito de querer considerar como um todo os sacerdotes seculares e regulares, que juntos constituem o clero diocesano, a serviço das almas, sob o olhar paternal do Bispo, foi recebido com devoto respeito num clima de entusiasmo, e até agora constitui ainda uma realidade muito feliz (cfr. *Patr. Eccl. Ven. Synodus XXXI, Const. 12*).

Com maior autoridade o Sínodo Romano deu a este problema uma formulação clara e persuasiva. Salienta êle a paridade dos dois cleros no cumprimento dos deveres sacerdotais (§§ 169-170) e exige uma unidade de ação nas paróquias confiadas aos zelosos cuidados tanto do clero secular quanto dos religiosos, de modo a orientar e edificar os fiéis de Roma e os peregrinos que aqui vêm. Quão comovente é a exortação do Breviário: *Voce concordi Domino canamus dulciter hymnos* (§ 175).

Esta harmonia, que reflete sobre a operosidade concorde dos homens a própria luz da beatitude celestial, é o que de mais edificante possa ser realizado aqui na terra, e a premissa insubstituível de uma eficácia duradoura de trabalho, rica de resultados. Doutro lado, por triste experiência, sabemos que o fracionamento de energias é um obstáculo grave e perigoso para a própria liberdade do sagrado ministério e do apostolado.

Expressamos portanto o voto de que, durante esta assembléia, experimenteis essa exigência que é aspiração profunda de Nosso coração e que, aliás, corresponde a uma feliz realidade e a uma mais feliz esperança. As energias que sempre se renovam nas ordens e congregações religiosas colocadas ao serviço das almas, são, de fato, certeza absoluta de maior incremento da vida divina na Igreja: elas, em sua fecundidade íntima, devida à irradiação de uma grande tradição, de uma nobre herança espiritual, sob o olhar amável do Bispo, e na coordenação que êle sugere, propõe e dirige, têm em si o impulso por uma ação sacerdotal que pode válidamente responder às várias necessidades do ministério

atual, é trabalhar em profundidade para a conquista da sociedade a Jesus Cristo.

O TESTEMUNHO DA VIDA RELIGIOSA.

Queridos filhos!

Muito, muitíssimo podem fazer os Institutos de perfeição nesta urgente necessidade apostólica; antes de tudo com a oração que continuamente se eleva a Deus de cada casa; depois com a atração do exemplo, que, como fio de água, nasce das fontes de cada Ordem e Congregação, nas quais revivem as virtudes de cada Fundador. A este propósito se aplicam algumas palavras de regozijo do Sínodo Romano, que vos confiamos como lema no trabalho destes dias e dos dias futuros, para vós e para vossos coirmãos: "Que os Religiosos, pela seriedade de seus modos, pelo modo de falar e de agir, pelo seu exemplo, lembrem a todos a importância do controle voluntário de si mesmos e das paixões, e da falta de conforto na vida. Que se abstenham verdadeiramente do luxo da vida, e que conservem e amem fielmente a pobreza e as outras virtudes religiosas".

Este testemunho de desapego, de pobreza, de mortificação, é necessário num mundo que, conforme a melancólica expressão da Escritura, é vítima da dúplice concupiscência da carne e dos olhos e do orgulho da vida (cf. 1 Jo 2, 16); vossa presença nêle, serena e discreta, confiante e corajosa, pode e deve ajudar o povo e sempre sempre sob o signo o verdadeiro uso um Igreja, na cooperação diligente e fiel com seus Pastores veneráveis e muito zelosos.

Fazemos votos que vossa Assembléia alcance felizmente aqueles resultados que o Comité se propôs; Nós vos seguimos, queridos filhos, com a oração, pedindo ao Senhor, para cada um de vós, os dons de sua assistência contínua. E para que esses dons desçam abundantemente sobre vossa atividade, queirais receber de coração grande a muito especial Bênção Apostólica que vem fortificar e estimular a cada um de vós, os Institutos que representais, as obras por eles mantidas e todos os vossos queridíssimos Coirmãos do mundo inteiro.

Comentário

No discurso acima referido, João XXIII relembra aos Provinciais dos Religiosos italianos que "todos os Sacerdotes, seculares ou regulares, constituem juntos o clero diocesano". Por outras palavras, e no tocante ao exercício externo do apostolado a eles confiado por seus superiores religiosos, os regulares, em geral, não são isentos da autoridade episcopal, e, juntamente com os padres seculares, procuram colegialmente, sob a direção do Bispo diocesano, o bem sobrenatural desta porção da Igreja universal que chamamos a Igreja diocesana.

Logo, os sacerdotes religiosos são também "padres diocesanos", que devem considerar a diocese, em que estão exercendo o *munus* pastoral, como a *materna* dos seus olhos, integrando-se perfeitamente nas suas preocupações; não ignorando eles que o Bispo diocesano não é somente aquêle que confere a licença indispensável para eles poderem pregar e ouvir confissões, mas que a

tarefa sacerdotal em toda sua amplitude, não é senão cooperação com o Apóstolo por excelência, o sucessor dos Apóstolos, o Bispo.

"O Sacerdote, escrevia S. Tomás de Aquino, possui o poder de consagrar o corpo de Cristo duma maneira participada; ele consagra sobre um altar consagrado pelo Bispo, em vasos consagrados pelo Bispo, e ele-mesmo é consagrado pelo Bispo". Outrora, só o Bispo reconciliava os penitentes, a quinta-feira santa, e ainda hoje, o Bispo é o ministro ordinário do Batismo dos Adultos e do Sacramento da Confirmação, que torna o cristão adulto na Igreja.

Mais: os sacerdotes, seculares ou religiosos, não são jamais "padres individuais".

O Padre é tal pessoalmente, mas nunca individualmente; é colegial e comunitariamente sacerdote; uma diocese é um colégio sacerdotal, um corpo sacerdotal cuja cabeça é o Bispo, cujos membros são os padres, não só seculares, mas ainda religiosos. Já no primeiro século, o Bispo Martir de Antioquia, Inácio, dizia: "O colégio sacerdotal é unido ao Bispo como as cordas à lira, e é assim que na sinfonia da caridade, Jesus Cristo é cantado".

E' também por isso que a tradição primitiva da Igreja reservava o nome de "sacerdote" (aquele que dá as coisas sagradas) ao Bispo; os que hoje chamamos "padres" não eram designados senão como os "sacerdotes de segunda-classe".

Para o Padre-Religioso é capital compreender que o caráter, com o qual, no dia da sua ordenação, foi indelévelmente marcado por um Bispo, o consagrou como cooperador da ordem episcopal; e o fato de ele, por graça e predileção de Deus, ser Religioso, não muda nada nisso.

Sacerdote "*secundi ordinis*" — de segunda classe — na sua diocese, o Padre-Religioso forma, com seu Bispo e todos os seus colegas no Sacerdócio, seculares ou regulares, um só sacerdócio colegial, cuja fonte sacramental é o Bispo, centro, resumo, expressão desta Igreja diocesana. Este colégio sacerdotal é o prolongamento imediato dum só Bispo, e, mediatamente, de todo o colégio episcopal participado por ele; o colégio episcopal, cujo centro e resumo é o Santo Padre, é presumido pelo colégio sacerdotal.

E este colégio sacerdotal "*secundi ordinis*" não é a Igreja docente, mas, como os outros fiéis, embora duma maneira superior, faz parte da Igreja discente.

O Padre de segunda classe (secular ou regular) não é doutor (por direito divino) (1) na Igreja, mas simples mandatário do Doutor, o Bispo diocesano, unido ao Pontífice infalível.

(1) Pio XII declarava aos Bispos, na sua alocução de 31 de Maio de 1954: "Além dos legítimos sucessores dos Apóstolos — isto é, do Papa, quanto à Igreja universal, e dos Bispos, quanto aos fiéis confiados aos cuidados de cada um (cf. cân. 1326), não há na Igreja outros mestres por direito divino; mas tanto os Bispos, como especialmente o Supremo Mestre da Igreja o Vigário de Cristo na terra, podem chamar outros colaboradores e conselheiros no magistério, para lhes delegarem o poder de ensinar... Mas os chamados assim a ensinar não são mestres na Igreja em seu próprio nome, nem pelo título da ciência teológica, mas sim pela missão que

Na sua dignidade de sacerdote diocesano, o Padre Religioso encontra uma fonte maior de segurança, de gratia, amor e mesmo de santa ufania. Dentro do clero diocesano, cujos membros são todos, inclusive os seculares, chamados a uma alta santidade sacerdotal, e podem todos pronunciar votos privados de pobreza e obediência, quer no quadro dum Instituto secular de perfeição cristã, quer fazendo, não somente a promessa, mas o voto de obedecer a Deus na pessoa do Bispo diocesano, o Padre Religioso e diocesano faz, também em prol da Diocese, pública profissão de tender a esta perfeição da caridade encarnada no seu Bispo diocesano, já constituído no estado de perfeição adquirida.

Ao beijar, ajoelhado, o anel episcopal, é toda a Igreja diocesana da qual êle tem a honra, a laboriosa honra de fazer parte, que o Padre Religioso está abraçando, esta Igreja diocesana que está resumida neste sinal de indissolúvel e sacrificial união entre Bispo e diocese: o anel nupcial e eclesial.

Ao beijar êste anel, das nupcias eclesiais, o Padre Religioso tem, não obstante seus direitos de Religioso, isento, em certas esferas, da autoridade episcopal, a alegria sempre nova de unir-se, num humilde respeito, a todo o colégio sacerdotal e episcopal da Igreja de Cristo.

Amanhã, talvez, êle pertencerá a outra diocese, mas nunca deixará de ter êste título de glória para si, enquanto Religioso: sempre será um Sacerdote Diocesano.

P. B. de Margerie, S. J.
do Departamento de Vocações da C.R.B.

II

O SERVIÇO SOCIAL NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Discurso de S. S. João XXIII aos participantes da X Conferência Internacional de Serviço Social (1)

É com grande prazer que, acedendo ao pedido da Comissão organizadora da décima Conferência Internacional do Serviço Social, vos recebemos e vos damos as boas vindas.

Com muito interêsse tomamos conhecimento do programa de vossos trabalhos, consagrados ao "Serviço social num mundo em transformação", e muito particularmente à sua função e a suas responsabilidades. É isso um tema de reflexão capaz realmente de reter vossa atenção e de suscitar entre vós trocas de vista úteis, que vos permitirão cumprir melhor vossa missão tão importante no mundo atual.

receberam do Magistério; e a êste fica sempre sujeito o poder comunicando, nem se torna nunca "sui juris" ou independente. "Vozes, Documento Pontifício 109, "sobre o triplice poder da Hierarquia eclesiástica", § 6.

1) "Oss. Rom.", supl. sem., 16 jan. 1961

Este mundo, como vós justamente salientais, está em plena transformação. Uma tendência acentuada para a industrialização provoca um fenómeno de urbanização crescente em numerosos países. Novas comunidades industriais se desenvolvem, ao mesmo tempo que uma mecanização em aumento suscita perturbações profundas nos modos de vida e de trabalho até agora tradicionais no mundo rural.

O homem às vezes tem dificuldade de enfrentar por seus próprios meios essas novas condições de vida. Basta que algumas provações venham atingi-lo em seu trabalho e em sua família, para que ele corra o risco de sofrer graves prejuízos se a comunidade não lhe trazer uma ajuda fraterna.

É aí, caros Senhores, que está vossa tarefa insubstituível. A intervenção do serviço social pode realmente trazer um complemento a recursos pessoais insuficientes, e fornecer uma ajuda a todos quantos dela precisam, desde os filhos menores em situação difícil junto de sua família, até os velhos incapacitados, ou, pior, na miséria, e até aos adultos desempregados, ou aos trabalhadores que não gozam de uma suficiente segurança em seu emprêgo. Sua presença diligente permite também, em seu benefício a elaboração de novas leis e o aperfeiçoamento da legislação já existente. Ele favorece ainda a inserção de todos na comunidade humana, tornando tangível a solidariedade com seus membros menos favorecidos.

Fazendo isso, o serviço social preenche verdadeiramente sua finalidade que é de servir à sociedade, permitindo a todas as pessoas de levar uma vida digna, para que cada um possa cumprir seus deveres e satisfazer a suas necessidades legítimas, no respeito dos valores espirituais.

Por isso a Igreja, sempre preocupada, como é de vosso conhecimento, do desenvolvimento integral do homem, está interessada vivamente em vossos trabalhos. E nós estamos satisfeitos pela parte ativa que neles tomam as Organizações Internacionais Católicas especializadas, do modo particular a União Católica Internacional de Serviço Social, e a *Caritas Internationalis*, que Nós felicitamos há pouco "por reabilitar a verdadeira noção da caridade, e por recolocar em lugar de honra as humildes obras de misericórdia, das quais a Igreja recomenda tão vivamente a prática a seus filhos" (A. A. S., vol. III (1960), p. 768. Discurso aos Membros da *Caritas Internationalis*).

Não há dúvida de que este encontro internacional, pela participação de eminentes personalidades e numerosos organismos representativos, favorecerá contatos frutuosos e abundantes, que permitirão aos congressistas trocar com proveito as informações e as experiências, tomar um melhor conhecimento dos esforços a fazer e das providências a empregar, e de reunir útilmente todas as iniciativas individuais e coletivas para prestar o maior serviço aos homens.

Sereis assim os bons imitadores de Jesus, "que passou fazendo o bem" (At. 10, 38). Este é o voto que formula seu humilde vigário. E, como prova de Nossa benevolência para com vossas pessoas, vossas famílias e vossos trabalhos, vos concedemos de todo coração a graça de uma ampla Bênção Apostólica.

III

PELO JUBILEU EPISCOPAL DE S. EMCIA. O CARDEAL DOM JAIME DE BARROS CÂMARA

Carta de S. S. João XXIII ao Eminentíssimo Cardeal Arce-
bispo do Rio de Janeiro

Associando-nos às homenagens prestadas a S. Emcia. o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, que a 2 de fevereiro celebrou seus 25 anos de Episcopado, publicamos a seguir, numa expressão de filial devoção ao Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e num preito de gratidão ao Pastor, ao amigo dos Religiosos, ao apóstolo e benfeitor de tantas Congregações Religiosas femininas, a Carta apostólica que lhe foi enviada pelo Sumo Pontífice.

JOÃO XXIII, PAPA

Ao Nosso Dileto Filho

Saudação e Bênção Apostólica.

Não é menos de acôrdo com os Nossos sentimentos paternos do que com os encargos de Nosso Múnus Apostólico enviar patentes testemunhos de caridade aos Bispos, quando em suas vidas ocorrem dias marcados pela comemoração de solenes aniversários.

Tendo pois, conhecimento, Dileto Filho, que no próximo dia 2 de fevereiro, completarás cinco lustros desde que fôste elevado à dignidade episcopal, e, como convém que as santas alegrias do Pastor aumentem a felicidade de todo o rebanho, os sacerdotes e fiéis da Arquidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em união com tuas alegrias, irão dar graças e louvores, como religioso obséquio a Deus que te foi propício e munificente no longo caminho já percorrido. No que Nos toca a Nós, de boa mente, como que colocamos uma coroa a essas comemorações, ao te rendermos, com os Nossos agradecimentos, os nossos votos. Deste, realmente, sinais de pródigo condutor de almas desde que administraste, em primeiro lugar a Diocese de Mossoró e depois a Arquidiocese de Belém do Pará. E, agora, há mais de dezessete anos, na tua sede atual, te dedicas a cuidadoso múnus pastoral. Acrescentando novos merccimentos, exerces também a função de Ordinário para os católicos de rito oriental residentes no Brasil, atendes às neccsidades do exército pátrio e, como Presidente da Conferência Nacional dos Bispos, ajudas os teus colegas, com a sabedoria de teus conselhos.

Os teus melhores cuidados foram para realizares as Visitas Pastorais a fim de instruíres o povo confiado a ti, na doutrina e nos preceitos da disciplina cristã, por meio de Santas Missões; foram para os Seminaristas e para aperfeiçoares as Congregações Religiosas em mais elevada forma e prática da virtude.

Contudo, nos Anais eclesiásticos dessa Arquidiocese que governas, está inscrito, para ser sempre lembrado, o Congresso Eucarístico Internacional de 1955, em cuja preparação tanto te dedicaste; aqueles que ali estiveram presentes guardam dele até hoje, uma doce recordação e o mesmo propiciou um durável incitamento para que os Mistérios Eucarísticos fôssem cultuados, frequentados e exaltados.

Ocorrendo o 25.º aniversário da recepção do ofício pastoral, determinaste que fôssem angariados recursos para fundar ou manter escolas paroquiais. Louvamos a iniciativa e lhe desejamos os melhores frutos porque se trata de um assunto importante: pois, se propiciamos às idades mais tenras um crescimento piedoso e reto, lançamos os mais sólidos fundamentos de uma idade melhor. Para que, porém, as comemorações desse teu Jubileu de Episcopado sejam mais salutares, te concedemos a faculdade de, no dia que escolheres, dares aos teus fiéis em Nosso Nome e em nossa Autoridade, a Bênção Apostólica com indulgência plenária.

Nada mais Nos resta do que impetrar sobre ti, Nosso Dileto Filho, sobre teus Bispos Auxiliares e sobre todo o rebanho confiado a teu governo, de todo Nosso coração, a Bênção Apostólica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no dia 9 de janeiro de 1961, terceiro ano de Nosso Pontificado. (a) Joannes XXIII PP."

IV

UMA CIRCULAR DO SECRETARIADO DA C.L.A.R

Bogotá, dezembro de 1960

Reverendíssimo Padre:

Por decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos de 26 de outubro de 1960, constituiu-se a Conferência Latino-Americana dos Religiosos (CLAR), que é uma confederação das Conferências nacionais existentes em quase todos os países do continente.

Em folha adjunta envio a V. Revma. a nominata dos membros da junta cuja duração no cargo será de três anos, de acordo com os estatutos elaborados em Roma em 1958 e reformados em Lima, em maio deste ano.

A projeção da CLAR segundo a mente da Santa Sé é amplíssima e sua organização requererá a colaboração de todas as Conferências nacionais e de todas as comunidades religiosas. Não se sabe, ainda, entretanto, qual será a sede do secretariado, mas é obrigação nossa começar desde já a pensar com amor e eficácia em sua organização. Exigirá antes de tudo a ajuda do Céu, pelo qual me permito rogar a V. Revma. que encareça a todos os religiosos e religiosas de seu país que tenham presente em suas orações o êxito da Conferência nascente.

Em segundo lugar virá a colaboração pessoal. Para chegar-se à organização projetada, deverão trabalhar com tempo integral nos escritórios da CLAR.

não poucos religiosos e religiosas. É de esperar, pois, que os Superiores Maiores se mostrem generosos em oferecer os serviços de seu pessoal.

Em terceiro lugar, não porém o último, deverá vir a colaboração econômica. Assim como o CELAM está sustentado por todas as dioceses da América Latina, a CLAR terá de funcionar graças à ajuda monetária de todas as comunidades religiosas que trabalham no continente. Esperamos, contudo que as contribuições solicitadas não sobrecarreguem a ninguém.

Assim, de acordo com o ajustado na Assembléia de Lima e prévia autorização do presidente, Rexmo. Pe. Azcárate, Abade Beneditino de Buenos Aires, permito-me pedir a V. Revma. que se dirija a todos os Superiores Maiores de seu país para solicitar-lhes a modesta contribuição de US\$ 0,10 correspondente a cada um de seus religiosos, como quota de instalação.

Quando a tesouraria da Conferência presidida por V. Revma. houver recolhido esta importância, rogo-lhe encarecidamente dignar-se remetê-la, em meu nome e com a direção indicada no lembrete supra desta folha, sede onde funcionará muito clementemente por generosa condescendência da Conferência colombiana, gérmen de nosso futuro secretariado.

Antecipo a V. Revma. meu agradecimento muito sincero pelo interesse que ponha nesta urgente súplica e me recomendo penhoradamente às suas orações.

Infimo servo em Jesus Cristo,

Padre Emilio Arango, S.J.
Secretário da CLAR

Endereço Provisório da CLAR

CONFERENCIA DE SUPERIORES MAYORES RELIGIOSOS
Carrera 10 No. 19-64
Apartado Aerco 95-28 — Teléfono 435-681
BOGOTA, D.E. — COLOMBIA

A TAREFA DA RELIGIOSA NO MAGISTÉRIO ATUAL

*Pe. Germano Lievin CSSR
da Sagr. Congreg. dos Religiosos.*

Por Magistério da Igreja entendemos o ensinamento ministrado sob várias formas, não somente pela Santa Sé (Constituições apostólicas, Encíclicas, Cartas e Alocuções do Sumo Pontífice, Atos da Sagrada Congregação dos Religiosos), mas também pelos Bispos.

Aqui nos referimos ao conteúdo de caráter doutrinário — mais do que disciplinar e legislativo — de alguns documentos, e limitamos nosso estudo ao Pontificado de Pio XII, e de modo especial ao período de 1950 a 1958.

Salientamos, porém, a admirável continuidade da doutrina. A vida religiosa está inserida organicamente na Igreja, que segue seus progressos, conservando todavia inalterados aqueles elementos essenciais, imutáveis, que têm uma origem evangélica e apostólica.

A palavra "Religiosa", portanto, tomar-se-á no sentido estrito do termo, isto é, enquanto designa a mulher vinculada à vida de perfeição canônica, chamada "vida religiosa propriamente dita", e comporta, além da organização hierárquica e das regras, a profissão dos votos públicos de obediência, castidade, pobreza, simples ou solenes, a obrigação da vida comum e o exercício de um apostolado particular, aprovado pela Igreja, ainda que se trate de religiosas de clausura: "Moniales ergo omnes probe sciant ipsarum vocationem plene totamque apostolicam esse" (Const. Apost. "Sponsa Christi").

Pretendemos, enfim, falar das Famílias Religiosas que, em virtude de sua fundação ("ex instituto"), se dedicam a um apostolado especial, e para isso têm votos tanto simples, como as Congregações Religiosas, quanto solenes, com clausura papal menor, como as Ursulinas da União Romana, as Bernardinas, as Cônegas de Santo Agostinho.

O ensinamento atual da Igreja salienta particularmente o caráter eclesial da Religiosa; nela e com ela, é a Igreja que toma parte na vida e continua a obra de Cristo seu Espôso. É necessário acrescentar, para que sejamos mais exatos, que este caráter eclesial será de tão melhor garantia e tão mais genuíno quanto mais a Religiosa e sua Congregação se inscrevem completamente na Igreja, vinculando-se decididamente no grande movimento de organização que hoje a Santa Sé anima e dirige no mundo inteiro.

"MYSTICI CORPORIS".

Citamos, de início, este belíssimo trecho da Encíclica "Mystici Corporis" de 20 de junho de 1943:

"...Não se julgue, porém, que esta bem ordenada e "orgânica" estrutura do Corpo da Igreja se limita unicamente aos graus da hierarquia.

...Os Santos Padres, quando celebram os ministérios, graus, profissões, estados, ordens, deveres deste Corpo Místico, não consideram só os que têm ordens sacras, senão também todos aqueles que, observando os conselhos evangélicos se dedicam à vida ativa, contemplativa ou mista, segundo o próprio Instituto...

Além disso, quando a Igreja abraça os conselhos evangélicos, reproduz em si mesma a pobreza, a obediência e a virgindade do Redentor...

Nos muitos e variados institutos que como jóias a adornam, nos faz em certo modo ver a Cristo, ora pregando às turbas, ora sarando os enfermos e feridos e convertendo os pecadores, ora enfim fazendo bem a todos...

Sem mancha alguma, brilha a Santa Madre Igreja... nos conselhos evangélicos que nos dá...

O fim é sublime: continuar a santificação dos membros deste mesmo Corpo, para a glória de Deus e para a glória do Cordeiro imolado por nós...

Desejamos que todos os que reconhecem a Igreja como Mãe, pensem seriamente que não somente os Ministros Sagrados e aqueles que ofereceram a si mesmos a Deus na vida religiosa, mas também os outros membros do Corpo Místico de Cristo, e cada um conforme sua possibilidade, têm o dever de se empenharem com força e diligência, na construção e no desenvolvimento deste Corpo".

O Papa dissera: "O Cristo tem necessidade de seus membros".

PROVIDA MATER

A 2. de fevereiro de 1947, na Constituição Apostólica "Provida Mater", a Carta dos Institutos Seculares, o Santo Padre salientava a particular solicitude da Igreja para a vida religiosa propriamente dita, cujo fim coincide com o próprio fim da Igreja: a santidade.

"A Igreja, Mãe cuidadosa, considerando como seus filhos prediletos aqueles que consagram toda sua vida a Cristo, seu Senhor, e o seguem no caminho livre e aútero dos conselhos, põe sempre todo seu zelo e seu afeto maternal, para torná-los dignos deste ideal sobrenatural e de uma vocação tão angélica, como também para regular sábiamente seu modo de vida...

A história da Santidade e do Apostolado católico está ligada intimamente à história da vida religiosa canônica... Enquanto as outras duas ordens canônicas de pessoas, clérigos e leigos, pertencem à Igreja enquanto é constituída e organizada hierarquicamente, a classe intermédia dos religiosos pode compreender clérigos e leigos (cân. 107), e fica coligada à própria finalidade da Igreja: a santidade a ser realizada com meios eficazes e adequados".

SPONSA CHRISTI

Reservada às monjas, a Constituição Apostólica "Sponsa Christi", de 21 de novembro de 1950, vem relembrar seu caráter eclesialístico e a consagração religiosa juntamente com sua missão apostólica: "As virgens cristãs, a parte mais eleita da grei de Cristo, inspiradas pela caridade, desprezando tôdas as solitudes do mundo e superando a separação fácil do coração, que está cheia de perigos, não sòmente consagraram-se inteiramente a Cristo, como a verdadeiro Espôso das almas, mas consagraram em perpétuo ao mesmo Cristo Senhor e à sua Igreja tôda sua vida adornada de tôdas as virtudes cristãs.

As Monjas tôdas fiquem bem compenetradas de que sua vocação é plenamente apostólica, sem limites de lugar, de tempo, de circunstância, mas sempre e em qualquer lugar pronta, atenta em tomar a peito o que de qualquer modo se refere à glória do Espôso e à salvação das almas...

Entre as virgens consagradas a Deus, a Igreja delega sòmente as Monjas para a função da oração pública que, em nome dela, se eleva a Deus... (cân. 610).

PARA AS CLAUSTRAIS

Em sua alocução de 8 de dezembro de 1960; no encerramento do 1.º Congresso geral dos Estados de perfeição, reunido em Roma, o S. Padre dizia: "...Entre êstes dois graus: clérigos e leigos, encontra-se o estado religioso de origem eclesialístico; que deve precisamente sua existência e sua importância ao fato de estar ligado estritamente à finalidade própria da Igreja, que é de levar os homens à santidade. Eis o que a Igreja vos pede com insistência: que vosso trabalho e vossa vida interior correspondam e se equilibrem mutuamente. Clérigos e leigos não declarais publicamente de abraçar o estado de perfeição evangélica? Se isso é verdade, produzi os frutos dêsse mesmo estado, para que de vosso ardor o Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, receba uma maior eficácia... As religiosas enfermeiras que tratam dos doentes, comparadas às pessoas que exercem o mesmo ofício sòmente por humanidade ou por um ordenado, têm sobre elas algo que é de outro gênero e que é superior. Podem elas, porém, ser superadas pelas outras em matérias de meios técnicos e por isso as exortamos vivamente, para que se igualem com os outros também nisso, e, se fôr possível, os superem; mas quando as curas são ministradas por Religiosas que, animadas pelo espírito vivo de seu Instituto, estão prontas cada dia, por amor de Cristo, a sacrificar sua vida para os que sofrem, então uma atmosfera de virtude as envolve, pelo que sabem realizar aquilo que nem os técnicos nem os remédios fazem"...

"...E' vossa tarefa usar os meios mais eficazes, praticar os conselhos evangélicos, observar os votos, para vencer, numa guerra sem trégua, a cobiça da carne, dos olhos e o orgulho da vida (1 Jo 11, 16); para progredir cada vez mais na santidade, e tornar-se fervorosos auxiliares de Deus na salvação da família humana".

PARA AS IRMÃS DEDICADAS AO APOSTOLADO NA ESCOLA E NOS HOSPITAIS

A 13 de setembro de 1951, por ocasião do Congresso das Religiosas educadoras reunidas em Roma, Pio XII afirmava: "... Como teria podido a Igreja, nestes últimos tempos, cumprir plenamente sua missão, sem a obra que centenas de milhares de religiosas realizam com tamanho zelo no campo da educação e da caridade? e como poderia cumpri-la em nossos dias?

Sem dúvida muitas outras preciosas energias femininas trabalham, com as religiosas ou perto delas, na escola e na obra de educação ou se dedicam ao apostolado dos leigos. Nós pensamos sobretudo no exercito das boas professoras católicas nas escolas do Estado. Mas as mesmas não ficarão admiradas se hoje, a vós, diletas filhas reunidas em Nosso redor como representantes das Ordens e Congregações Religiosas dedicadas ao apostolado da escola e da educação, dizemos: Possam a dedicação, o amor e o sacrifício que vós, na maioria das vezes no escondimento e na escuridão, suportais por amor de Cristo em prol da juventude, produzir no futuro, como no passado, frutos multiplicados de bem!... A castidade, a virgindade (que importa também a renúncia interior a toda afecção sensual) não torna as almas estranhas ao mundo. Pelo contrário, ela suscita e desenvolve as energias para mais amplas e mais altas tarefas, que ultrapassam os limites de cada família. Há hoje não poucas religiosas educadoras e enfermeiras que estão, no melhor sentido da palavra, mais próximas à vida que não as pessoas comuns do mundo... Vossa missão não é fácil, como em geral a educação cristã é hoje uma meta não fácil a ser conseguida. Mas naquilo que diz respeito à formação interior da moça, vossa vocação religiosa é para vós um poderoso auxílio. A fé viva, a união com Deus, o amor a Cristo do qual cada uma de vós conseguiu impregnar-se, conforme o espírito de vossa Congregação, desde os dias do noviciado; os votos, não só de castidade, mas também essencialmente de obediência; o trabalho comum sob uma única guia na mesma direção; tudo isso atua fortemente sobre as almas jovens, naturalmente sempre na suposição de que estejais à altura de vossa própria vocação".

PARA AS VOCAÇÕES RELIGIOSAS

A 5 de maio de 1952, por ocasião da beatificação da fundadora de uma Congregação de educadoras religiosas, o Papa dizia: "...Vós nos ajudais a cumprir nosso dever, porque a Igreja é essencialmente educadora...", e logo depois, a 15 de setembro, ao Congresso internacional das Superiores Gerais, reunidas em Roma: "... Os ecos deste Congresso dizem-nos com que grande seriedade considerais vós o serviço de Deus e da vontade que tendes para servir vossas famílias religiosas e a Igreja...".

E aludindo à diminuição das vocações religiosas femininas, o Papa pronunciava estas graves palavras: "...Dirigimo-Nos hoje somente aos que, padres e leigos, pregadores, oradores ou escritores, não têm atualmente uma

palavra de aprovação e de elogio para a virgindade consagrada a Cristo: àqueles que, depois de anos, apesar das advertências da Igreja, e contra o Seu pensamento, concedem ao matrimônio uma preferência de princípio sobre a virgindade; que chegam a apresentá-lo como o único meio de assegurar à personalidade humana o complemento máximo e sua perfeição natural; aqueles que assim falam e escrevem devem tomar consciência de sua responsabilidade perante Deus e a Igreja. Devem ser considerados no número dos principais responsáveis pelo fenômeno, ao qual aludimos com pesar, enquanto, no mundo católico e também fora dele, apela-se, hoje mais do que nunca, às religiosas católicas e fica-se obrigado a responder sempre negativamente. Obrigado fica-se também a abandonar obras, hospitais, instituições de educação, tudo isso porque as vocações não mais são suficientes para fazer frente às necessidades". Depois de ter recomendado às Superiores que sejam verdadeiras mães para suas súditas, o Papa acrescenta: "...Lembraí-vos bem que os votos requereram de vossas Irmãs, como de vós, um grande sacrifício. Elas renunciaram à família, ao matrimônio e à intimidade do lar doméstico, sacrifício de grande preço, de uma importância decisiva para o Apostolado da Igreja, mas sacrifício...

Dizei às vossas Irmãs que lhes agradecemos suas orações das quais tanto necessitamos; seu bom exemplo que tão eficazmente ajuda tantos católicos em sua fé e leva à Igreja um número grande dos que não lhe pertencem; seu trabalho a serviço da juventude, dos doentes e dos pobres, nas missões e sob outras diversas formas, todas úteis ao conhecimento e à difusão do Reino de Jesus nas almas".

RENOVAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DE UMA PARÓQUIA PELOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Pe. L. P. Bourassa e Pe. C. Ruiseco

A seguinte experiência de apostolado não deve ser totalmente desconhecida por uma parte de nossos leitores, pois alguma revista brasileira publicou, anos atrás, algo a respeito, ainda que como simples notícia muito resumida.

O Padre Carlos Garavito, o vigário que conseguiu mudar completamente a fisionomia espiritual de Vilapinzón, nunca quis escrever a respeito, para evitar qualquer publicidade sobre o extraordinário resultado de sua ação pastoral nessa paróquia de interior, completamente abandonada anteriormente e que agora atinge uma intensidade de vida espiritual que pouquíssimas comunidades paroquiais no mundo todo podem contar.

Eis os fatores que contribuíram para essa "maravilhosa transformação", assim como são apresentados por Dom Júlio Botero Salazar, então Bispo Diocesano de Zipaquitá, diocese à qual pertence Vilapinzón: "Um vigário fervoroso e extremamente dedicado, que trata os fiéis com a afeição e a simplicidade de um pai de família; exercícios espirituais contínuos, de que participam todas as categorias de paroquianos, ao menos uma vez por ano, durante três dias, e com encerramento piedoso; o vigário enraizou duas devoções na alma de suas ovelhas: a sagrada comunhão (missa e comunhão cotidianas) e o santo rosário todos os dias, sob forma de procissão".

A experiência vem comprovar a "grande eficácia dos exercícios espirituais na transformação de uma paróquia, quando participa integralmente de uma pastoral de conjunto, alimentada por um grande zelo e pelo emprêgo metódico de práticas, da devoção a Jesus Eucarístico e à Santíssima Virgem", e, sobretudo, "a onipotência da graça para operar conversões e transformar paróquias difíceis" (*Le Christe au Monde*).

O relatório, redigido pelo Pe. Leo-Paul Bourassa, está baseado em vários artigos publicados pela imprensa, e principalmente nos escritos do Pe. Carlos Ruiseco, que, além de ter consultado uma brochura sobre Vilapinzón, consultou vários sacerdotes que foram estudar "in loco" o trabalho apostólico do Pe. Garavito, garantindo assim a autenticidade desta "notável renovação".

A REDAÇÃO

A POPULAÇÃO

Villapinzón é uma aglomeração situada a uns cem quilômetros de Bogotá, na Colômbia. Conta 1.500 habitantes e é o centro de uma paróquia rural de 8.000 pessoas cujos 80% são agricultores que cultivam batatas, trigo e cevada, em ncsgas de terra encarapitadas, aqui e ali, nas montanhas circunvizinhas. Antes de 1953, essa região de Villapinzón dava que falar, por causa de uma proporção anormal de imoralidade, embriaguês e até de assassinatos, provocados por animosidade ou discussões políticas.

Hoje, Villapinzón tornou-se famosa por motivo muito diferente: a média de 1.800 comunhões diárias lhe confere, provavelmente, nesta ordem de coisas, o primeiro lugar no mundo. Outrora essa média não ultrapassava 5 a 8 comunhões quotidianas. O novo estandarte da cidade ostenta, no centro, um cálice encimado por uma hóstia e rodado de espigas de trigo, com a inscrição: "A Jesus por Maria, é a divisa de Villapinzón". Esse estandarte idealizado pelo atual vigário, o Padre Carlos Garavito, exprime sua devoção a Maria, herdada de Montfort. Tendo ingressado na congregação de Montfort, foi obrigado, por motivo de saúde, a deixar a Congregação, com aprovação dos Superiores. O Padre fez, sozinho, e numa solidão completa, o grande retiro de trinta dias, de Santo Inácio.

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Essa conversão verdadeiramente extraordinária da paróquia de Villapinzón vem do dia 13 de fevereiro de 1953, data da chegada do Padre Carlos Garavito como vigário: um padre santo — isto o leva a rir muito — de 50 anos; sujeito a crises cardíacas e cuja saúde sempre deixa a desejar.

Um visitante de 1955 nô-lo descreve como um homem jovem de aparência cordial, de agradável conversa; bom conversador, cujo repertório de gracejos é inesgotável. Nada de extraordinário ou de estranho em suas maneiras. Gosta de um cigarrozinho. Parece não sentir necessidade de dormir: todos os dias, chega à igreja às três da madrugada. Seu bispo afirma a seu respeito, que é "um padre fervoroso e muito dedicado, que trata os paroquianos com o afeto simples de um bom pai de família".

Antes de sua chegada em Villapinzón, o Padre Carlos tinha sido auxiliar do vigário noutras paróquias, onde experimentara a eficácia dos Exercícios de Santo Inácio para a renovação da vida cristã. Diz frequentemente: "Com exceção dos sacramentos, não há, na Igreja, meio de santificação mais eficaz do que os Exercícios.

RESPONSABILIDADES ANTERIORES

O Padre Garavito foi primeiramente enviado a Tabio como auxiliar, em 1948. Aí permaneceu apenas seis meses, que lhe bastaram para reerguer magnificamente o nível espiritual da paróquia, graças a retiros de três dias, dados cada semana. Certa vez lhe contaram que, entre os candidatos ao retiro, se achavam dois homens e que um deles jurara matar o outro, para vingar a

morte de um irmão. Ambos foram admitidos pelo Padre. Pouco depois do início do retiro, os retirantes presenciaram um espetáculo pouco habitual: o que, havia jurado matar o outro pedia-lhe perdão publicamente e se acusava de ser um verdadeiro assassino, pois havia jurado matar aquele que o retiro lhe havia mostrado como "irmão".

De fins de 1948 a 1950 Padre Carlos foi vigário da aldeia de Carmen de Carupa. Deus gosta de purificar seus apóstolos com provações e fracassos. Em Carmen de Carupa, os obstáculos foram tão consideráveis: recusa de co-
operação, falta de locais disponíveis, falta de dinheiro, etc., que o Padre nada pôde fazer para organizar seus retiros. Além disso, durante êsse dois anos sua saúde piorou muito e uma crise cardíaca o levou às portas da morte.

NOVOS ÊXITOS

Em 1950 o Padre foi designado para vigário de Nocaíma, onde, sem tardar, começou os retiros. Só no primeiro ano, alistaram-se 3.284 pessoas. Infelizmente, as notas de que dispomos não precisam qual era a população de Nocaíma e se limitam a dizer que "quase todos" seguiram os Exercícios. Um retiro por semana; 52 em um ano! Como é que um padre de saúde abalada pode realizar igual soma de trabalho, não se falando da administração da paróquia? Eis a estatística de 1950:

- 12 retiros para homens casados — 779 participantes;
- 11 retiros para mulheres casadas — 704 participantes;
- 13 retiros para homens solteiros — 941 participantes;
- 10 retiros para môças — 633 participantes;
- 1 retiro para viúvos — 45 participantes;
- 1 retiro para viúvas — 84 participantes;
- 1 retiro para "Madalenas" — 98 participantes.

OS GRUPOS DOS RETIRANTES

O quadro que precede nos indica claramente de que modo o Padre agrupava seus retirantes: não pelas profissões ou ofícios, mas de acôrdo com o "estado de vida". Acrescente-se que organizava ainda retiros para os primeiros comungantes, para os adolescentes, etc. E' importante fazer sobressair como se applicava a atingir todos aquêles de que fôra encarregado.

DEVOÇÕES ESSENCIAIS

O Padre Garavito procura, sobretudo, desenvolver duas devoções entre os fiéis: ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem, reservando o melhor lugar, como convém, a uma vida interior intensa de união com Deus pela Eucaristia, e o Rosário. Seus paroquianos tornam-se conscientes da realidade de pertencerem ao Corpo Místico de Cristo, e sentem a necessidade de permanecer unidos a Cristo, purificando-se de suas faltas e recebendo o sacramento da Eucaristia.

OS EXERCÍCIOS DE SANTO INÁCIO

O Padre fizera os grande Exercícios de Santo Inácio e sabia, por experiência própria, quão poderoso meio é o retiro para apoderar-se das almas e levá-las a Deus. O Padre Carlos aplica, com precisão, o método inaciano e segue, passo a passo, o livro dos Exercícios, fazendo, é claro, as adaptações requeridas por um retiro de três dias. O retiro sempre começa no domingo à tarde; dura três dias inteiros, e encerra-se na quinta-feira, após a missa. Consta de seis meditações por dia. Os retirantes se reúnem numa casa de retiros, onde tomam as refeições e onde permanecem dia e noite. O silêncio é de rigor continuamente, sem um único recreio e nem mesmo alguns minutos de esparecimento. O Padre faz questão desta observância do silêncio, e dizem que é inflexível neste ponto.

CASA DE RETIROS

Os retiros de Nocaíma tiveram tal repercussão que várias pessoas de vilarejos e de cidades vizinhas ali foram participar dos mesmos. Uma nova casa, podendo receber 150 retirantes, foi construída, pelo preço de 25.000 dólares, oferecida pela própria população aos retirantes. Imponente estátua de Santo Inácio orna a entrada do terreno. Foi presente do bandido número um da região, transformado em fervoroso católico, pelo retiro. O Padre Garavito benzeu a casa, mas não chegou a gozar dessa comodidade, pois foi nomeado vigário em Villapinzón.

VIGÁRIO DE VILLAPINZÓN

A 13 de fevereiro de 1953 o Padre chegou em Villapinzón. Sucedia a um sacerdote idoso que não pudera dispensar à paróquia todos os cuidados que pedia. Sem perda de tempo, estabeleceu seus planos de retiros. Mas Villapinzón era uma paróquia paupérrima. O vigário habitava um presbitério deteriorado, em parte caindo em ruínas. O Padre decidiu que a parte arruinada seria a casa de retiros. Ali se instalou uma capelinha; os quartos foram transformados em dormitórios; não havia camas; tinha-se que dormir no chão; a adega se transformou em vasta cozinha. Algumas mulheres do vilarejo e as próprias irmãs do Padre encarregaram-se da cozinha e do arranjo da casa. Atualmente, religiosas dedicadas, as Servas do Santíssimo Sacramento, preenchem estes cuidados materiais. Pede-se aos retirantes uma contribuição equivalente a um dólar e meio, para as despesas de cama e comida: jantar no domingo à tarde, quatro refeições por dia, café na quinta-feira de manhã. A Providência fornece o resto.

O PADRE ANUNCIA OS RETIROS

Quando tudo ficou pronto, Villapinzón podia gabar-se de possuir a menos confortável casa de retiros do mundo: não havia nem um local que permitisse tomar um pouco de ar, a não ser uma sacada. Enquanto transformavam a casa, o Padre preparava os paroquianos. Começou pela recitação do têrço,

tôdas as tardes, em procissão, da igreja ao cemitério, ida e volta. Cada vez, o Padre dizia algumas palavras sôbre os retiros que tencionava organizar.

AS PESSOAS MAIS INFLUENTES

Em maio de 1953, após três meses de preparativos, o Padre sentiu que chegara o momento e anunciou a data do primeiro retiro, para homens casados. Para impressionar, quis que êsse primeiro grupo contasse as pessoas mais influentes de Villapinzón. Precisou de tempo e esforços que, porém, foram coroados de êxito. Êsse primeiro grupo de retirantes constava do preicito, dos escrivães, do chefe de polícia e de todos os policiais, bem como de alguns negociantes importantes; 97 pessoas ao todo.

O RETIRO

O retiro começou num domingo à tarde. Após as orações usuais na Igreja, os 87 retirantes, com velas acesas, saíram em procissão, acompanhando o Santíssimo Sacramento. Da Igreja foram até a casa de retiros, onde a âmbula foi depositada na capela. O Padre Carlos, sôsinho, sem deixar de administrar a paróquia, deu seis conferências por dia, dirigiu a Via sacra, ouviu as confissões, numa palavra, ocupou-se de todos os pormenores e de tôdas as práticas que compunham o retiro. Na quinta-feira seguinte de manhã, a mesma procissão se pôs em marcha, da casa de retiro para a Igreja, desta vez. Êste primeiro retiro obteve um êxito manifesto, a tal ponto que os próprios retirantes se transformaram em propagandistas e recrutadores entusiastas.

SÉRIE ININTERRUPTA DE RETIROS

No domingo seguinte abriu-se o segundo retiro, desta vez para as senhoras casadas. De semana em semana, sem parar, novos grupos de 70 a 120 pessoas se sucedem. Uma série ininterrupta durante 20 meses, nos quais um total de 6.000 pessoas seguiram os Exercícios. Daí, começaram. De 9 de abril de 1953 a 16 de abril de 1959, houve, dêsse modo, 179 retiros, com 22.045 retirantes. Habitantes de outros lugares, e até de Bogotá vieram participar.

ORAÇÕES PELO RETIRO

Chamemos a atenção para o que poderia ser designado como o motivo profundo do êxito dos retiros. O Padre Carlos suscita o interêsse da paróquia inteira, pedindo a todos orações especiais. Como há um retiro por semana, quer isto dizer que a paróquia inteira reza incessantemente para o êxito dos retiros. O interêsse que despertam é tal que, tôdas as semanas, um grupo aproximado de cem pessoas jejuam duas vêzes, nessa intenção. Um fato a observar é que a oração é a causa principal do êxito em todos os movimentos dessa espécie.

AUMENTO DAS COMUNHÕES

Um aumento impressionante do número das comunhões quotidianas. Como dissemos acima, a média das comunhões só atingia 5 a 9, antes de 1953.

Atualmente é de 1.800, para uma população de 8.000 pessoas. É impressionante a progressão: de mês para mês:

junho de 1953: 3.252

agosto de 1953: 24.608

Em 1954: 621.280

fevereiro de 1955: 43.444

abril: 44.050

junho: 47.305

julho de 1953: 19.006

de julho/dez. 1953: 201.286

Em 1955: janeiro: 49.645

março: 48.226

maio: 48.049

Em 1959, a média foi de 1.800. Nos domingos e festas, às vezes, 5.000 pessoas recebem a santa comunhão. Conseqüência inevitável deste fervor foi o desaparecimento quase completo da violência, da imoralidade, da embriaguez, apesar de, segundo dizem, os fabricantes de licores de Bogotá tenham tido a idéia de mandar uma deputação para "se entender com o vigário".

É impossível descrever a abundância de graças difundidas em toda a paróquia, por meio dos retiros. Grande número de paroquianos não faltaram à comunhão quotidiana, desde a primeira participação aos Exercícios. Muitos se obrigam a caminhar durante uma hora, em sendas na montanha, para irem à igreja. A chuva, a lama, nada os impede. As mães carregam os bebês e trazem os outros filhos. Para outros, o percurso é de duas ou três horas de marcha, para atingirem a igreja. Devem, depois, voltar para o trabalho, que começa de manhã bem cedo! O número das comunhões já prova o fervor da paróquia. O Padre Carlos e seus auxiliares atestam que 75% dos paroquianos vivem continuamente em estado de graça e os outros, quase sempre.

INTEIRAMENTE DEDICADO

O vigário consagra-se inteiramente aos fiéis. O emprego de seu tempo atinge o invicrossível. Seu exemplo, porém, transporta a população. A paróquia inteira se interessa em manter o fervor coletivo. Umas sessenta pessoas se apresentam espontaneamente para ajudar no trabalho dos retiros, duas vezes por semana. De bom grado fariam mais, porém o Padre Carlos recusa absolutamente. Sabe que seus paroquianos já estão presos pela necessidade de ganhar a vida e cuida de lhes reter o zelo dentro dos justos limites.

PROGRAMA DE UM DIA

Sendo Villapinzón uma paróquia rural, o trabalho começa de manhã muito cedo. O Padre Carlos age de modo que a hora dos ofícios religiosos se integre do melhor modo no dia de seus fiéis.

A igreja abre-se às duas horas e trinta minutos da madrugada e, às 3 horas o vigário e seu auxiliar estão no confessionário. Incrível, mas é verdade. Visitantes céticos, sacerdotes e leigos, tiveram que admitir a evidência e certificam o fato. Uma mulher conta que, a uma hora da madrugada, saiu pelas ruas e viu, nas montanhas circunvizinhas, pontos luminosos que se deslocavam nas trilhas: eram os camponenses que, iluminando o caminho com uma vela,

prêsa numa garrafa, caminhavam para a igreja. Há, cada dia, uma média de 2.000 presenças. Às 5 horas, os fiéis se formam numa procissão que sai da igreja, circula na aldeia, até a praça pública e, depois, volta à igreja. As mulheres precedem a estátua de Nossa Senhora de Fátima, os homens acompanham. A procissão é dirigida por um padre ou por leigos, com microfone e alto falante portáteis. Esse padre e esses leigos explicam os mistérios do rosário, dirigem a recitação do terço e os cânticos. Esse terço recitado de manhã, em procissão, é uma devoção muito conhecida na Colômbia, chamada "o Rosário da aurora".

De volta à igreja, os fiéis fazem alguns minutos (não temos mais amplos detalhes) de meditação, dirigida por um padre. E recomeça novamente a recitação do terço em intenções especiais: o pastor e os padres de Villapinzón, a população e seus problemas, o aumento do Corpo Místico no mundo inteiro, os doentes e os defuntos da paróquia, os tibios, o êxito dos retiros, a perseverança dos retirantes no fervor, as vocações sacerdotais e religiosas, a santificação dos padres do mundo inteiro, etc.

UM INCIDENTE

Durante a procissão do dia 12 de janeiro de 1954, produziu-se um incidente desagradável. Um condutor de caminhão, aborrecido por ver todas as manhãs a procissão passar lentamente diante de sua garagem, perdeu o domínio de si mesmo. Lançou bruscamente o caminhão sobre os passantes, matando logo quatro pessoas e ferindo outras dezoito. Nenhuma desordem, nenhum clamor de indignação. Prestaram os primeiros socorros aos feridos. Depois, todos juraram em redor dos mortos, e prometeram solenemente fazer sempre a procissão, seguindo o mesmo percurso.

DISTRIBUIÇÃO DA COMUNHÃO

Às 4 horas o Padre começa a distribuir a comunhão. Serve-se de imensa âmbula de um conteúdo de 5.000 hóstias. Dois ajudantes o acompanham; um segura a patena, e outro marca o número dos comungantes, num contador automático.

Às 6 horas, celebração da missa com uma curta instrução e canto. Terminada a missa, todos voltam ao trabalho quotidiano; ao cair da tarde, nova reunião na igreja, para a oração da noite. Em seguida, os fiéis se retiram, entoando o cântico: "Boa noite, bom Pastor".

VOCACÕES

A paróquia de Villapinzón nunca dera vocações. Mas, desde 1955, tinha 12 jovens no seminário diocesano de Zipaquita. A população ajuda o seminário, com grande generosidade. O aumento das esmolas, de ano para ano, é também impressionante, quando se pensa na grande pobreza da paróquia:

1952: 202 pesos — 40 dólares.

1953: 20.382 pesos — 4076 dólares.

1958: 22.178 pesos — 4435 dólares.

OUTRAS PRÁTICAS DE PIEDADE

Na véspera do Ano Novo, à noite, quase toda a população vai em procissão ao cemitério. O vigário lê o nome dos que morreram durante o ano e rezam o terço por eles. Segue uma exortação sobre a necessidade da graça, para a salvação. A Semana Santa é celebrada com solenidade, sobretudo a sexta-feira. Uma procissão se desenrola nas ruas e nas sendas das montanhas, sendo que, cada participante, o vigário à frente, carrega uma cruz de madeira, meditando sobre a Paixão.

A festa do Corpo de Deus é a melhor preparada e a mais solene de Villapinzón. O Padre Carlos faz questão disso, em seu desejo de intensificar, cada vez mais, a devoção ao Santíssimo Sacramento, essencial numa vida espiritual fervorosa e profunda.

Cinco vezes por mês, à noite, há reunião das cinco confrarias do Santíssimo Sacramento, cada uma por sua vez: homens casados, senhoras casadas, rapazes e celibatários, moças, crianças. À imitação do Cura d'Ars, consagra essas cinco noites às confissões, não descurando a reunião da confraria.

A SEMANA DO VIGÁRIO

Difícilmente se pode conceber que um padre, de saúde abalada, possa aguentar semelhante modo de vida. Nos primeiros anos, o Padre Carlos estava sózinho. Em seguida, lhe concederam um auxiliar. Nenhum padre, porém, pode resistir muito tempo; os auxiliares se sucedem. Um padre espanhol permaneceu um ano, mas também ele foi-se embora. O Padre Garavito suporta sempre. Administra a paróquia e se consagra incansavelmente aos retiros, do domingo à tarde, à quinta-feira de manhã. Nas quintas, sextas e sábados, recebe os paroquianos e responde ao que desejam. É também durante estes dias que prepara o retiro seguinte. O Padre esforça-se por adaptar, bem e sempre, as prédicas ao grupo que recebe. De ano em ano, são as mesmas pessoas que voltam para os Exercícios. Os retiros começaram em 1953; em fevereiro de 1955, todos os grupos tinham feito os Exercícios uma vez e 83 homens do primeiro grupo de 87, que tinham começado os retiros em 1953, voltaram outra vez. O Padre deve, pois, renovar seus sermões, a fim de responder às necessidades de uma vida espiritual, sempre mais profunda. Das 227 "Madalenas" que fizeram o retiro em 1953, 224 seguiram de novo os Exercícios, em espírito de penitência e de reparação das desordens passadas.

CAUSAS DESSE FERVOR

1) Antes de tudo, uma graça especial de Deus. "O Espírito sopra aonde quer". Mas, habitualmente, a graça de Deus é concedida a uma vida de oração, de dedicação e de sacrifício. Deus serve-se de instrumentos escolhidos, para difundir suas graças mais abundantemente.

2) O vigário de Villapinzón se consagra, noite e dia, a seu povo. É zeloso, dedicado. Um visitante nos disse que ele "vive, come e dorme como

um trapista". Outro dá testemunho que o padre se consagra inteiramente a seu trabalho apostólico sem nunca pensar em si mesmo.

3) A oração. A oração do vigário. A oração dos paroquianos, entre os quais uns com se prestam, cada semana, para rezar mais especialmente e jejuar duas vezes para que os retiros tenham êxito e que a paróquia sempre cresça em fervor.

4) Enfim, autoridades bem informadas dizem que o Padre recebeu, certamente, uma graça particular para dar os retiros.

CRÍTICAS E OPOSIÇÕES

Com a leitura do que precede, poder-se-ia supor que bastou ao padre estender a mão, para colher um fruto maduro. Não! Teve que enfrentar muitas críticas, fortes oposições que êle fez calar por meio de réplicas diretas "ad hominem", habitualmente mordazes, que lhe atraíam a simpatia dos auditores. Um adversário caçoava do Padre Garavito, dizendo que, com os seus retiros fazia "bons negócios". Certo domingo, após o sermão, o Padre declarou: "Alguém parece invejoso daquilo que chama meus "bons negócios". Diante de todos aqui presentes, ofereço a êsse senhor a aquisição do meu "comércio" e isso gratuitamente".

Alguns dias depois, o acusador foi atingido por um cancer na língua. Morreu no ano seguinte, em 1954, e teve morte edificante, depois de ter pedido perdão ao Padre e à população.

Outra vez, ocorreu uma espécie de greve, durante um retiro de senhoras, pregado, excepcionalmente, por um padre em transito. Durante êste retiro, as mulheres se mostraram inteiramente refratárias e nada parecia impressioná-las. Faziam pouco caso do regulamento e se reuniam em grupos, para falar e fumar. Já nos fins do retiro, o Padre Carlos lhes anunciou que, no dia seguinte, no almoço, cada uma encontraria, perto do prato, um envelope contendo os pesos que haviam dado como contribuição. "Porque, disse êle, as senhoras perderam o tempo e malbarataram o retiro; não quero que fiquem também com a impressão que desperdiçaram, além disso, o seu dinheiro". Agora, tornou êle, quero falar-lhes de um pobre miserável, chamado Judas que, durante três anos, viveu em companhia de Nosso Senhor..." e se pôs a falar-lhes em tom cansado e desesperado, da traição de Judas.

Em dado momento, tôdas as retirantes, em uma voz, começaram a pedir perdão, caindo de joelhos, em lágrimas. Concluíram muito fervorosamente o retiro. Cada uma ainda se lembra vivamente de como, de repente, se sentiu agarrada fisicamente e caiu de joelhos.

— x —

CONFIRMANDO: UMA NOTA DO SECRETÁRIO GERAL DA CREB

Tive a oportunidade, por ocasião da I Reunião da Diretoria da CLAR (Confederação Latino-Americana dos Religiosos), realizada de 21 a 24 de fe-

vereiro u.p., em Bogotá, de visitar a localidade de Villapinzón, a cujo movimento espiritual dedicou a Revue Internationale d'expériences apostoliques "Le Christ au monde" (1960 — 5 — pág. 36-50) um artigo que oferecemos em tradução aos Religiosos do Brasil.

Recentemente os Padres Redentoristas pregaram aqui uma Missão popular. O chefe da Missão, o próprio Provincial, me testemunhou: "Villapinzón é um milagre coletivo. Pelo menos 85% de sua população vive *habitualmente* no estado de graça. Nunca tivemos tanta dificuldade no confessional em descobrirmos matéria suficiente para a confissão".

O movimento espiritual em Villapinzón tem algo de carismático, que escapa às leis da psicologia humana como também às leis ordinárias da graça. Carismática é a atuação do Vigário; também o é a correspondência dos fiéis à graça. O Vigário, no momento o único pastor da paróquia, tem uma saúde profundamente abalada, tendo sofrido, há pouco tempo, em enfarto. Não obstante ele se levanta diariamente às 2,30 da madrugada e às 3,00 está no confessional atendendo a seus "camposinos", dos quais não poucos vêm de 3 a 4 léguas, a pé. O número de comunhões diárias é algo de extraordinário. Aos domingos têm o Vigário a assistência de oito diáconos Salesianos para distribuir a Sagrada Comunhão.

A força inspiradora deste movimento espiritual está nos exercícios espirituais que o Vigário prega *semanalmente* para grupos de 80 a 120 de seus "camposinos", de domingo à noite a quinta-feira de manhã. Os exercícios com 6 conferências diárias se realizam em uma casa de retiros, muito rústica, anexa à Igreja paroquial, em regime de internato e com silêncio absoluto e ininterrupto. Para dirigentes de movimentos apostólicos e associações religiosas há exercícios especializados. A paróquia toda, com exceção de apenas 5 renitentes, fez, durante estes 7 anos, já duas vezes o retiro paroquial. O Vigário acaba de iniciar o terceiro ciclo.

Duas horas de conversa com o Vigário me convenceram que ele é o homem extraordinário de Deus e o movimento espiritual que ele conseguiu suscitar na sua paróquia é um movimento verdadeiramente "carismático". Tais movimentos, embora ^{nao} se prestem a serem imitados, podem contudo edificar-nos profundamente.

Pe. Tiago G. Cloin C.SsR.

FRENTE A EXPANSÃO DA HUMANIDADE, A EXPANSÃO DA IGREJA

Pe. Bertrand de Margerie, S.J.

Será que, num universo em expansão, a Igreja Católica, sempre também em expansão, encaminhará para Deus a difusão numérica da nossa humanidade?

Aos olhos de muitos, o maior problema temporal de nossos tempos, a maior causa de ansiedade, não é a perspectiva duma nova guerra mundial, mas o aumento da população. Esta angústia, um economista americano a exprime ajudando-se duma pitoresca imagem: a humanidade está como um grupo de náufragos chegando com limitadas rações alimentares a uma ilha deserta. Depois outros chegam também, mas sem rações alimentares. Única solução: todos morrerão de fome!

Tais imagens contribuem para criar o mito da superpopulação mundial, e favorecer uma exprobação freqüentemente feita aos católicos: "Vocês sustentam, sobre a limitação dos nascimentos, uma doutrina da Idade Média, inteiramente inadapta às necessidades hodiernas da espécie humana".

O leitor julgará do valor desta acusação depois de ter estudado aqui as respostas da Igreja ao tríplice problema moral posto pelo aumento da população:

- para os governantes e os economistas, surge um problema de moral económica e social, no plano nacional como no plano internacional;
- para os casais, um problema de moral conjugal e familiar;
- para os Bispos e o Santo Padre, aparecem novas dimensões da evangelização do mundo, da distribuição das forças apostólicas e talvez mesmo da administração eclesiástica.

Nomtras palavras, como devem reagir, perante o aumento da população mundial, as nações, as famílias, e os dirigentes de todo género que desejam seguir a orientação da Igreja?

I — A IGREJA PERANTE A FOME MATERIAL DA HUMANIDADE

1) *Os fatos:* A população mundial passou de 700 milhões de homens em 1750 a 1200 milhões em 1850 e 2 bilhões e 700 em 1959. O aumento foi

mais forte durante o século passado que o número total da população em qualquer momento desde a aparição do homem no planeta. Cada dia nascem 55.000 homens.

Os demógrafos já prevêem 3 bilhões e 500 milhões de homens para 1980 (1 bilhão para a China só) e 6 bilhões para 2000 (600 milhões para a América Latina). O Brasil chegaria a 100 milhões em 1980.

Como explicar este enorme incremento? Em parte porque ficando a natalidade mais ou menos idêntica, a mortalidade está diminuindo muito, graças aos progressos da higiene e, notavelmente, aos antibióticos.

Contudo, há ainda, para 60 milhões de homens que morrem cada ano, 30 a 40 milhões de vítimas da má nutrição, e provavelmente não são contados os milhões de pessoas humanas cada ano matadas nos abortos: só no Japão, houve 1.500.000 em 1953.

Muitos acham que a fome provém precisamente do que eles chamam "superpopulação". Mas a verdade é que só 1/5 das terras cultiváveis estão cultivadas, e freqüentemente com métodos arcaicos; que a produção de gêneros alimentares baixou muito nos países sub-desenvolvidos durante os últimos vinte anos (de 14% no Extremo Oriente e 6% na América Latina) ao passo que estava aumentando nos Estados Unidos de 13%; e que, nestas condições não é de espantar se a metade dos homens tem fome! As consequências desta fome ainda a reforçam: a fome traz consigo um fraco consumo alimentar que gera uma fraca capacidade de trabalho, donde se segue uma fraca produção de gêneros alimentares agravando ainda o fraco consumo alimentar. É o círculo vicioso da fome e de fraqueza, no domínio da produção e do trabalho como na esfera do consumo.

2) *Os problemas* que resultam destes fatos podem assim ser resumidos: como aumentar a produção, notavelmente em gêneros alimentares, e como dar trabalho a todos? Pensemos, por exemplo, no caso da China em 1980.

3) *As soluções técnicas* dos problemas mencionados, apesar de não pertencerem à competência da Igreja, podem ser favorecidas pela generosidade inteligente dos seus. Um trabalho mais intenso, e a cultura da décima parte das terras cultiváveis ainda não cultivadas, bastariam para dar a todos os povos uma alimentação suficiente e mesmo abundante. A terra pode alimentar, no estado atual da técnica, de 6 a 10 bilhões de homens. Assim, durante a guerra de 39-45, a Inglaterra duplicou a sua produção agrícola. Em segundo lugar, o emprêgo da energia atômica para os fins da alimentação humana abre à agricultura novos horizontes; como sublinhou várias vezes o Papa Pio XII. Mas não seria possível recorrer a estes meios sem investimentos consideráveis em capitais e homens, engenheiros e técnicos, dos países desenvolvidos nos países sub-desenvolvidos. Porisso, alguns pensam ou sonham, na possibilidade de substituir o serviço militar obrigatório por um tempo de serviço social, não menos obrigatório, cumprido nos países sub-desenvolvidos pelos operários qualificados e membros das profissões liberais dos países desenvolvidos. Enfim, o mais imediato remédio, que aliás, traz novas dificuldades às superpopulações

locais, é a emigração, quer no interior da mesma nação, quer no exterior. Também a fauna e a flora marina, riquíssima, como se descobriu no Ano Geofísico Internacional, parece oferecer reservas quase inesgotáveis de alimentos para a humanidade.

4) *O papel da Igreja*: a) Ela nunca se cansa de frisar a necessidade de cumprir com certos deveres e de satisfazer certos direitos, influenciando assim a conduta concreta dos homens: dever do trabalho tão frequentemente negligenciado. "Se alguém não quer trabalhar, também não coma", escrevia aos Tessalonicenses, entre 50 a 60 de nossa era, São Paulo, que lhes dava o exemplo "trabalhando de noite e de dia" para "não ser pesado a nenhum deles". Direito natural que cada homem tem de emigrar, e dever de acolhimento da parte das nações ricas em terras ainda cultiváveis (é assim que os jovens operários católicos da Austrália pediram aos patrícios não proibir o ingresso de Japoneses em maior número); dever de generosidade da parte dos países desenvolvidos para com os outros, no que toca aos investimentos de capitais e de técnicos: assim Pio XII, a 24 de dezembro de 1952: "A solidariedade dos povos exige a cessação de desproporções enormes no padrão de vida, e, correlativamente, nos investimentos e no grau de produtividade do trabalho humano".

A terceira parte do gênero humano goza de 85% da renda da riqueza mundial, só ficando 15% para a imensa maioria da população mundial: os povos numerosos têm da parte da comunidade mundial o mesmo direito a serem ajudados que as famílias numerosas da parte do Estado nacional.

b) Sobretudo, a Igreja lembra a obrigação de medir tanto a produção como o consumo pelas verdadeiras e objetivas necessidades do homem, julgadas à luz do seu último fim: a vida eterna de sua alma imortal e de seu corpo ressuscitado. O homem deve produzir os bens necessários ao exercício das virtudes que o levarão à salvação eterna: é substancialmente assim que Pio XII exprimiu em 1953 o pensamento tradicional da Igreja. Donde resulta um duplo perigo: produção e consumo de coisas secundárias em prol duma minoria abastada enquanto as primeiras necessidades da imensa maioria estão longe de serem satisfeitas; noutras palavras: investimentos anti-sociais (tal era há poucos anos a televisão aos olhos dos Bispos católicos da Austrália) com o fim duma verdadeira superprodução, e, em segundo lugar, a correlativa infraprodução de gêneros alimentares. A uma economia do lucro, trata-se de substituir, como diria o P. Lebret O.P., uma economia das necessidades fundada na primazia da pessoa humana.

c) Mas como a Igreja sabe e ensina que, sem a graça não é possível observar habitualmente a integridade da lei natural, ela não só anuncia obrigações, mas, à diferença da Antiga Lei do Povo de Deus, oferece nos seus sacramentos, recebidos sempre de novo de sua invisível Cabeça, Jesus Cristo, os meios e as graças necessárias para cumprir com elas. A todos os que aceitam de comer o Pão do Céu, que jorra diariamente dos altares da Espôsa do Cordeiro, está oferecida a força moral necessária, depois da indispensável lucidez, para produzir, em prol da humanidade inteira, mais abundantemente, o pão

diário da terra, que a Igreja transubstanciará no Pão dos Céus. Nenhuma produção e nenhum consumo jamais poderão ter tamanha importância não só para o conseguimento da vida eterna da humanidade, mas ainda para a sustentação natural e sobrenatural da sua vida temporal e perecível. Dependência recíproca do pão da morte e do pão da vida! Se os cristãos não se nutrem bastante d'Este, não terão a generosidade necessária para poder saciar daquele Jesus faminto nas duas terças partes da humanidade: "Tive fome e não me destes de comer" (Mt 25,42), impedindo assim o Pai Celestial de dar aos irmãos segundo a carne de seu Único Filho "o nosso pão de cada dia" abundantemente: seria de balde que eles o pediriam. Seria a falta não da Igreja, mas dos cristãos contra a humanidade e a Igreja, único porto de salvação terrena e celestial. Ao passo que, através d'Ela, sua Espôsa, Jesus, ajudando sobrenaturalmente a humanidade de hoje a valorizar seus crescentes recursos naturais e a multiplicá-los mercê das técnicas das quais ele é o Criador e a Primeira Fonte, pode alimentar, no deserto deste mundo, não só cinco mil homens, galileus ávidos de sua palavra, mas ainda os bilhões de criaturas racionais que o não conhecem. Deixemos o Senhor, através do milagre permanente da Igreja Católica, operar uma nova multiplicação dos pães, uma ressurreição da saúde humana em função da doutrina social tão desconhecida de sua Espôsa, doutrina que se deve tornar de novo conhecida, amada, praticada, em primeiro lugar pelos católicos.

II — A IGREJA PERANTE A FOME DAS FAMÍLIAS

1) Desta fome das famílias, vários problemas nascem para elas mesmas, para o Estado e para as organizações internacionais: qual será a atitude destas várias entidades perante a emigração, o aborto, o controle artificial dos nascimentos?

2) Mostremos brevemente as várias respostas dadas:

— Malthus era um honesto pastor protestante do século XVIII, que, apesar de nunca ter propagado uma limitação artificial dos nascimentos, por meios anticoncepcionais, foi contudo o legítimo pai do "neo-malthusianismo" moderno, porque vulgarizou a idéia de limitar a população mundial (posto que pela continência).

— Depois a economia capitalista liberal criou não só o falso problema da população mundial (ver acima) mas ainda a falsa solução dos meios anticoncepcionais: para salvaguardar os privilégios de alguns vivos, impediu muitos de chegar à existência! Para garantir os privilégios de alguns povos senhoriais, favoreceu a limitação dos nascimentos nos povos subdesenvolvidos e escravizados!

— Marx e seus discípulos se apresentam às vezes materialmente de acordo com as doutrinas da Igreja, mas para prosseguir fins muito opostos. Marx criticou vigorosamente os economistas liberais "pelos quais a produção do homem aparece como uma miséria pública (1)". "O verdadeiro fim da produção não

1) Tradução francesa de *Economia Política e Filosofia*, edição Costes, p. 58.

era, pensavam eles, o número de operários sustentados por um capitalista, mas a soma dos interesses lucrativos" (2).

— Lenine respondia aos sociais-democratas, partidários do neo-malthusianismo sob pretexto de que os filhos da classe operária nasciam em más condições, que os tornavam débeis: "Por que não gerar filhos que lutariam melhor, com maior conjunto, consciência e energia que nós contra as condições atuais de vida que mutilam e minam nossa geração?".

— Stalin declarava, a 4 de maio de 1936, que "o homem é o mais precioso capital"; evidentemente, falava unicamente do corpo mortal, não da alma imortal; além disso, os inúmeros cadáveres do seu trágico reino dirão melhor do que ele mesmo o "preço" da vida humana aos olhos do czar vermelho!

— Hoje em dia, se os marxistas chineses, após algumas hesitações, se alegrem com o crescimento da população chinesa que favorecerá a revolução mundial, os marxistas das nações católicas da Europa oriental (Polónia, Hungria) difundem dentro dos seus povos o aborto que limitará a futura resistência deles...

— Um grande representante da Índia subdesenvolvida, Gandhi, dizia: "Não precisamos de mestres que nos ensinem o manuseio dos contraceptivos, nem de ser ajudados a satisfazer necessidades animais, mas necessitamos de aprender a dominar estes apetites, às vezes até a continência completa". "Precisamos de aprender, pela pregação e pelo exemplo, que a continência é perfeitamente possível, e imperiosamente necessária se não quisermos ficar mental e fisicamente inferiores".

3) Doutrina da Igreja: No seu discurso do dia 22 de janeiro de 1958 às famílias numerosas (3), Pio XII deu claramente a entender que a Igreja não admite a existência duma super população mundial, mas simplesmente de super populações locais, cuja solução deve se encontrar na emigração, e outros remédios já indicados. Mais profunda e positivamente, aos olhos da fé cristã o primeiro critério duma política demográfica será o desabrochamento, o pleno desenvolvimento das famílias e das pessoas humanas, não só no sentido psicológico de inteligências e vontades livres, mas sobretudo no sentido metafísico de almas imortais. A meta dos cristãos é: povoar a terra para povoar os céus. Famílias numerosas, sim, não para assegurar pelo número o triunfo duma classe social ou dum grupo de nações sobre as outras, mas para que Deus seja eternamente conhecido e amado nos Céus pelo número mais elevado possível de criaturas racionais. "Ad maiorem Dei gloriam". A Igreja então seria "natalista"? Se se entende por esta expressão que a Igreja favorecerá a vontade de ter filhos a qualquer preço, com certeza não! Ela não deseja uma fecundidade sem limites, como se se tratasse de gerar filhos de qualquer maneira, sem consideração da educação deles. É neste sentido que S. João da Cruz escreveu que alguns casais desejam ter numerosos filhos por sensualidade. Muitos santos casados praticaram uma continência perpétua. A moral católica admite em certos limites bem largos, "uma regulação da prole", segundo a expressão de

2) Ibid. p. 117.

3) Este discurso apareceu na coleção *Documentos Pontifícios*, n.º 124; § 17/18.

Pio XII (4), “a qual, contrariamente ao chamado “contrôle dos nascimentos”, é compatível com a lei de Deus”, porque importa uma racionalização dos instintos instruídos pela razão, em lugar duma emancipação instintiva tomando valor absoluto. As condições de legitimidade deste espaçamento dos nascimentos são: o não-emprego de meios artificiais, motivos válidos (tais serão a saúde da mãe ou o equilíbrio psicológico da família no seu conjunto, a limitada capacidade pedagógica dos pais, os fracos recursos deles, etc; mas tais não serão o simples desejo duma vida mais confortável, a simples consideração da idade mais avançada, etc.), a intenção reta da glória de Deus. Sobretudo deverá permanecer intacta a fidelidade ao “voto criador” essencial ao matrimônio: “em comunhão com tantos homens e mulheres que, esclarecidos por sua razão, e sustentados por uma justa confiança na Providência, plenamente conscientes das dificuldades que enfrentam e do seu dever para com a comunidade, respeitam o *voto criador* que se encontra no centro do amor e da vida” (Pio XII, 8-IX-54).

Noutras palavras, “há para o cristão objetivos mais importantes que a conservação ou a elevação do padrão de vida, que a prolongação da duração média da vida humana. Se, num país suficientemente abastecido em recursos, a salvaguarda íntegra das leis do matrimônio e uma difusão mais larga da vida, deviam, sem ameaçar o essencial, trazer consigo um abaixamento do padrão de vida, um cristão não poderia hesitar em sacrificá-lo. Um menor número de automóveis luxuosos ou de aparelhos de rádio, uma publicidade menor, um estilo de vida mais modesto são perfeitamente aceitáveis aos olhos duma mais alta moralidade, e em comparação de alguns milhares de existências a mais”. “Esta escolha é feita continuamente por milhares de famílias. Por que não por nações inteiras?” (5). O problema não é, nos países subdesenvolvidos, de optar entre diminuição dos nascimentos e desenvolvimento dos recursos naturais e humanos, mas de adotar uma política de educação crescente do sentido das responsabilidades de cada um para com todos; com efeito, mesmo uma regulação dos nascimentos, entendida como acima, é legítima somente se promana do sentido autêntico das responsabilidades pessoais, familiares e sociais, sentido em seu turno condicionado pela elevação do nível de vida moral e social das populações. (6)

Podemos dizer que, se a Igreja admite, com certas condições, uma legítima regulação de natalidade, ou planeamento das conceituações, ela pensa que é muito mais urgente “propagar a convicção, fundamentada na verdade, de que a saúde física e moral da família e da sociedade não se resguarda senão na obediência generosa às leis da natureza, isto é, do Criador. O valor do testemunho dos pais de famílias numerosas não consiste apenas em rejeitar sem meios-termos e com força dos fatos qualquer compromisso intencional entre a lei de

4) Discurso de Pio XII à “frente da Família”, em 28 de novembro de 1951, § 17, comentando o discurso às parreiras de outubro de 1951. Ver REB, 1952, p. 220.

5) R. P. Mertens, S.J., na *Nouvelle Revue Théologique*, 1952, pp. 1.053/4.

6) Cf. o documento de “Union internationale d’Etudes sociales”, in *Documentation Catholique*, 1954, col. 1454.

Deus e o egoísmo do homem, mas na prontidão em aceitar com alegria e gratidão os inestimáveis dons de Deus que são os filhos, e no número que Lhe apraz. Esta disposição de espírito ao mesmo tempo que libertar os esposos de intoleráveis pesadelos e remorsos, traz consigo, conforme médicos autorizados, as premissas psíquicas mas favoráveis para o são desenvolvimento dos frutos próprios ao casamento, evitando, na origem dessas novas vidas, os tormentos e angústias que se transformam em taras físicas e psíquicas, tanto na mãe como na prole... Deus não recusa meios de viver àquele que traz à vida... pela prova de sua assistência quotidiana, e, se fôr necessário, por intervenções extraordinárias de que muitos dentre vós tendes a feliz experiência" (7).

Em suma, se a Igreja não é "natalista" precisamente por ser "personalista", Ela, apoiada no dogma da onipotente Providência de Deus, Criador e Governador da ordem natural, Autor da ordem sobrenatural, favorece, mais que o planejamento, mesmo por meios legítimos, dos nascimentos, famílias razoavelmente numerosas. "Devemos desejar uma natalidade abundante e sã, tão abundante quanto possível sem deixar de ser sã; a fecundidade ideal é a fecundidade racional, pela qual os homens geram tantos filhos que podem sãmente criar" (8); mas nunca será contrário à razão ultrapassar os limites conhecidos pela razão baseando-se numa fé, não irracional, mas supraracional, e sumamente razoável na ajuda da divina Providência. A regra moral da ação cristã não é só nem sobretudo a razão, mas, e muito mais, a inspiração do Espírito Santo conhecida pela experiência dos dons deste Divino Espírito, garantida por uma criteriosa direção espiritual.

Logo, quem determinará o número dos filhos não será o Estado, mas, sob a direção do Deus Criador e Santificador, os próprios esposos, tendo em conta não só o seu bem pessoal, saúde, forças físicas e psíquicas, mas ainda o bem dos filhos e da melhor educação deles, o bem da comunidade familiar e das suas leis e unidade e ordem no amor. O Estado e as organizações internacionais seguirão a evolução demográfica e internacional.

Em caso de desequilíbrio previsto, informarão a opinião nacional e internacional a respeito das consequências dos diversos movimentos observados. Além deste dever de informação, eles têm ainda o direito de dar remédio aos desequilíbrios demográficos sem contudo propor um sistema de natalidade chegando até aplicações individuais. A intervenção deles limitar-se-á, em qualquer caso, a medidas de caráter coletivo e indireto, excluindo toda forma de constrangimento. O princípio fundamental que rege a ordem das relações entre família e sociedade não é o controle da família pela sociedade, pelo menos no que toca directamente aos fins próprios do matrimônio, mas a responsabilidade da família perante Deus (9).

7) Discurso já citado de Pio XII às famílias numerosas, de 22 de janeiro de 1958, D.P. 124, § 8, 9.

8) Chanoine Leclercq, *Leçons de Droit Naturel*, t. III, p. 256 (3a. ed.).

9) Documento da "Union internationale d'Etudes Sociales (Union de Malines)" citado na *Documentation Catholique*, 1954, col. 1453/4.

III — A IGREJA PERANTE A FOME ESPIRITUAL DA HUMANIDADE

1) *Os fatos*: O aumento da população mundial concerne sobretudo às grandes nações pagãs da Índia e da China. Proporcionalmente, e também absolutamente, a população cristã aumenta menos, com uma única exceção: a América Latina. Segundo as aparências sociológicas, que nem sempre se verificam na história, o futuro da Igreja católica no mundo deveria estar na América Latina. No entanto, os protestantes norte-americanos dizem a mesma coisa para com o protestantismo; e receiam que a América do Norte seja daqui a pouco terra principalmente católica.

2) *Os problemas*: Como será possível à Igreja de amanhã cumprir com o seu dever de anunciar o Evangelho eterno aos 6 bilhões de homens do ano 2 mil? Podemos já dizer que a necessidade de apóstolos leigos, catequistas, religiosos, religiosas e sacerdotes será maior do que nunca. Se uma proporção de 1 sacerdote para 1.000 habitantes é considerada normal, o Brasil precisaria de 100.000 Padres em 1980, e o mundo de 6 milhões em 2.000! Ora, hoje há só cerca de 350.000 Padres no mundo, de uns 10.000 no Brasil imenso!

Já hoje, a Igreja do Brasil é uma Igreja sub-desenvolvida numa nação sub-desenvolvida, e infelizmente a escassez do clero, sobretudo no Norte, tem em parte raízes econômicas. Os católicos brasileiros devem tomar uma consciência sempre mais nítida da primazia do combate em prol do desenvolvimento espiritual da sua Pátria sobre o combate em prol do progresso material. Mais ainda: "a maior nação católica do mundo" não pode deixar de se preparar a tomar parte ativa na evangelização dum mundo sempre mais pagão.

Enfim, surge um último problema: mesmo se o aumento dos católicos no mundo não segue a mesma proporção que o crescimento da população mundial, este aumento não deixará, contudo, de tornar mais difícil, para o Santo Padre e as Congregações Romanas, a tarefa de administrar uma Igreja sempre mais universal. Mas não podemos fazer mais do que simplesmente mencionar este novo problema, cuja solução pertence exclusivamente à Sé Apostólica, à qual "as promessas divinas garantiram a conservação e a transmissão, na sua integridade e pureza, através dos séculos e dos milênios, até o fim dos tempos, de toda a suma de verdades e graças contida na Missão Redentora de Cristo" (10). Há uma certa centralização administrativa na Igreja Romana que, além de ser hoje em dia muito facilitada pela maior rapidez das comunicações, e mais necessária em nossos tempos de unificação maior da humanidade, é e permanecerá sempre consequência logicamente inevitável da verdade divinamente revelada da primazia do Pontífice Romano na Igreja Universal. Não é fruto de ambições humanas, mas do direito divino: por isso, o verdadeiro nome desta "centralização" é: "conveniente comunicação de problemas à Santa Sé", e ela "redunda em vantagens para os Bispos, a quem foi confiado o governo de determinados rebanhos; dela seguem-se luz e segurança nas dúvidas, conselho nas

10) Discurso de Pio XII, de 2 de junho de 1944 (Actes de Pie XII, ed. Bonne Presse, t. VI, pp. 134/8).

dificuldades, auxílio nos empreendimentos, alívio e conforto nas provações" (11).

Se, segundo toda probabilidade, o campo de apostolado da Igreja no mundo pagão se ampliar muito durante o século vindouro, é consolador saber que a atuação missionária da Igreja está conhecendo, desde o século passado, uma extensão considerável, porque doravante tomam parte nesta atuação as religiosas, enquanto, até o século XIX, a obra missionária era exclusivamente masculina; e, em nosso século, uma outra extensão, resultando da participação organizada, e não mais esporádica, de leigos, não religiosos, partilhando com as Missões as suas competências técnicas; o último passo, agora iniciado, consiste na associação espiritual e material de dioceses situadas em países tradicionalmente católicos com dioceses missionárias.

3) *As soluções que é possível entrever:*

No plano individual e familiar, a Igreja se tornará mais capaz de atender às necessidades do mundo pagão de amanhã quando cada uma das famílias cristãs pedir, conforme o desejo de Pio XII — e todos os membros da família se unirem neste pedido — a incomparável graça de ter pelo menos um filho padre. Um rapaz entre três tem germen de vocação sacerdotal, costumava dizer o tão experiente Dom Bosco: podemos legítimamente concluir que as famílias do mundo católico, e muí particularmente de nosso Brasil, devem constituir a fonte donde promanará a evangelização de bilhões de pagãos de amanhã!

Cada um de nós tem o dever de amar o seu próximo como a si mesmo, inclusive as centenas de milhões de homens que nascerão, num futuro não muito distante, fora da única Igreja estabelecida por Jesus Cristo pela salvação do mundo inteiro; logo, cada um de nós tem o dever de fazer o que pode para lhes procurar os bens aos quais nós atribuímos maior valor do que à nossa própria vida, e que melhor meio temos ao nosso dispor do que a oração vocacional oferecendo a Deus os membros da nossa própria família?

A urgência das tarefas missionárias dá a entender ainda melhor a utilidade das famílias numerosas: no já referido discurso que Pio XII lhes dirigia em 1958 o Pontífice dizia: "Quando a família numerosa coloca, como seu fundamento e regra, espírito sobrenatural do Evangelho:... aos dons comuns de providência, e de alegria, Deus acrescenta muitas vezes, como a experiência o demonstra, os chamados de predileção, isto é, as vocações ao sacerdócio, à perfeição religiosa, e à própria santidade. As famílias numerosas têm a prerrogativa de ser viveiros de santos. Citam-se a de São Luis, rei da França, composta de 10 filhos; a de São Roberto Bellarmino, de doze, a de S. S. Pio X, de dez". E, não sem ter assinalado ainda os 24 irmãos e irmãs de S. Catarina de Sena, o Papa, pensando talvez naqueles que exageram as indicações legitimando a "regulação da prole", acrescentava: "Toda vocação é um segredo da Providência; mas no que diz respeito aos pais, esses fatos permitem concluir que o número dos filhos não impede sua excelente e perfeita educação".

Como não aplicar de maneira particular às famílias desejosas de filhos

11) Pio XII, Alocução de 2 de novembro de 1954 aos Bispos; § 24 de "Documentos Pontifícios", 109, sobre o triplice poder da Hierarquia Eclesiástica.

missionários o elogio de Pio XII: "A Igreja vos é grata porque pode, por vós, e convosco, apresentar à ação santificadora do Espírito Divino, multidões de almas sempre mais numerosas. As famílias numerosas são as mais abençoadas por Deus, queridas e estimadas pela Igreja como os tesouros mais preciosos. Destas recebe com efeito, com mais evidência, um tríplice testemunho..., a saúde física e moral do povo cristão, a fé viva em Deus, a santidade fecunda e feliz do casamento católico". Noutras palavras, é o milagre moral da "santidade fecunda e feliz" das famílias numerosas (expressão frequentemente sinônima de "famílias cristãs", observa o Santo Padre) completado pelos milagres físicos que a fé viva destas famílias obtém frequentemente de Deus, como vimos acima. Graças às famílias numerosas, a Igreja será sempre mais o estandarte levantado por Deus acima e à vista do mundo pagão para convertê-lo (12).

Em conclusão, podemos afirmar que a Igreja se regozija intensamente perante o aumento da população mundial: ela sabe que Deus está assim chamando à uma vida eterna de alegria um número sempre crescente de criaturas racionais; ajuda por sua doutrina e seus sacramentos os homens a trabalhar seriamente para nutrir neste mundo o Filho único de Deus nos seus irmãos, e merecer no outro uma maior recompensa eterna; anima por sua fé na onipotente Providência do Criador, as famílias a se multiplicarem razoavelmente para povoar os céus de filhos adotivos depois de ter por êles anunciado, às gerações crescentes do futuro, esta felicidade eterna à qual são destinados. A Igreja Católica desceria tanto que toda esta humanidade em expansão aceitasse acolher-se no seio da pequena grei que ela constitui e que recebeu a promessa do Reino dos Céus! A maior ânsia da Igreja não é o receio de que venha a faltar o pão da terra e da morte, mas que êstes homens mais numerosos não trilhem todos o único e estreito caminho da verdadeira vida.

12) Discurso já citado de Pio XII às famílias numerosas, de 1958; Documento Pontifício, n.º 124, § 31.

ESTABELECIMENTO DE NOVAS ORDENS E CONGREGAÇÕES NO BRASIL

Pe. Tiago G. Cloin CSSR

INTRODUÇÃO

Por vários motivos, prevê a Diretoria da Conferência, para o próximo futuro, um mais intenso afluxo de novas Ordens e Congregações ao Brasil. É que o atual Papa, João XXIII, não apenas através da Comissão Pontifícia pro América Latina, mas também pela sua atuação pessoal junto aos Superiores e Superiores Gerais (cfr. Revista da CRB, 1960, p. 260-64), está chamando a atenção dos Religiosos e Religiosas do mundo inteiro para a América Latina em geral e para o Brasil em particular. Além disso, está a CRB, através da periódica viagem do Secretário Geral à Europa, intensificando e estendendo seus contactos com uma série de Ordens e Congregações que ainda não têm casa no Brasil, a fim de aplanar-lhes o caminho para a nossa Pátria. Esta atividade está se consolidando pela formação de uma Comissão internacional europeia que, em nome da CRB, levará ao Governo geral ou provincial de Ordens e Congregações informações exatas e pormenorizadas a respeito das necessidades espirituais do Brasil, principalmente do Nordeste, e convidá-las-á a aceitarem uma fundação no Brasil, apresentando-lhes um plano de auxílio e assistência de todo gênero ao se estabelecerem na nossa terra.

Julgamos oportuno levarmos ao conhecimento de todos os Religiosos e Religiosas esse plano, recentemente elaborado pela Diretoria da CRB, para que contribuam com as suas orações e sacrifícios para o pleno êxito desta importante iniciativa da Conferência.

Ao próprio plano precede uma consideração sobre a situação da América Latina em geral e do Brasil em particular no mundo católico contemporâneo e sobre a organização da CRB, respectivamente como motivação e explicação do plano.

I. — A POSIÇÃO DA AMÉRICA LATINA EM GERAL E DO BRASIL EM PARTICULAR NO MUNDO CATÓLICO CONTEMPORÂNEO.

A América Latina que abrange, além da América do Sul e Central, também o México, ocupa atualmente no mundo católico uma posição totalmente singular.

Colonizada e evangelizada, desde o século XVI, pelas grandes potências católicas daquele tempo, pela Espanha e Portugal, tornou-se a América Latina o maior bloco católico homogêneo do mundo, constituindo atualmente mais de um terço do catolicismo mundial, e brevemente, precipuamente por causa de seu alto índice de natalidade, mais da metade.

Porém, nem a Espanha nem o Portugal conseguiram cristianizar em profundidade essa imensa região e construir aí uma Igreja normalmente vital.

No século passado, quando começou a crescer vertiginosamente a população desse continente, não conseguiu a Igreja aumentar, com igual ritmo, seu pessoal missionário, originando-se aquela escassez de Clero e Religiosos que para a América Latina tem se tornado proverbial. É esta, atualmente, a principal razão porque a Igreja ainda não consegue tornar-se suficientemente "presente" à população, tornando-se, desta forma, a América Latina, por causa das graves e até alarmantes lacunas e deficiências, principalmente quanto à profundidade e prática da fé, a maior das zonas católicas, espiritualmente necessitadas e subdesenvolvidas, cujo centro de gravidade é o Brasil que, sofrendo as mesmas lacunas e deficiências, constitui tanto geográfica como demograficamente a terça parte desse continente.

Sendo a maior zona católica, espiritualmente sub-desenvolvida, a América Latina está precisando do auxílio organizado e sistemático, precipuamente em pessoal missionário — Padres, Irmãos e Irmãs — não apenas de algumas Congregações missionárias, mas da Igreja missionária toda. Pois, trata-se de um sub-desenvolvimento espiritual de um continente inteiro, que põe em jogo a própria subsistência da terça parte do mundo católico. Se os católicos do mundo inteiro não conseguirem ajudar, em grande escala e em prazo curto, a América Latina, é de se temer que brevemente se perca definitivamente para a Igreja esse maior bloco católico homogêneo; se, porém, eles conseguirem socorrê-la adequadamente, é de se esperar que o catolicismo latino-americano brevemente se vitalize de tal forma, que integre condignamente o catolicismo mundial.

Há, porém, mais. A América Latina merece até precedência na atenção da consciência mundial católica, acima de qualquer região de missão entre pátrias. Pois, parece-nos teologicamente indiscutível, que o nosso primeiro dever de católicos não é o de conquistar para a Igreja zonas ainda não católicas, mas o de conservar para ela as que já o são. Isso, aliás, será, via de regra, mais fácil do que aquilo. Pelo menos vale isso ao que nos parece para a América Latina, na qual, não obstante todas as lacunas e deficiências espirituais, o catolicismo lançou profundíssimas raízes e cujo proverbial sentimento religioso, forte como um instinto primitivo, quadra tão perfeitamente com o catolicismo, que um missionário protestante da América Latina declarou, recentemente, em uma reunião interconfessional, realizada em Genebra, que, caso a Igreja católica lograr tornar-se "presente" a esse continente, seja protestante alguma poderá aí subsistir. Da alma latino-americana vale: "*anima naturaliter catholica*"!

Nesta perspectiva poderá o Brasil reclamar um lugar todo especial na atenção do mundo católico, não apenas por constituir geográfica e demograficamente a terça parte da América Latina, mas inda por causa das especiais pos-

sibilidades que a Igreja do Brasil oferece para ser vitalizada. E não nos parece duvidoso que, vitalizada a Igreja do Brasil, temos simultaneamente as condições mais propícias para vitalizarmos a Igreja da América Latina toda. Quem salvar o Brasil, cria as possibilidades concretas para salvar a América Latina inteira, o que, ao nosso parecer, não se poderá afirmar, com igual razão, de nação alguma desse continente.

Além disso, conduziria a vitalização da Igreja latino-americana a possibilidades perfeitamente novas, para a evangelização do mundo pagão.

Depois de quase 2.000 anos de cristianismo, pertence apenas a quinta parte do mundo à Igreja católica, não obstante seu esforço missionário multi-secular. No século passado tomou o espírito missionário um novo, magnífico surto, particularmente nos países europeus, aos quais, nos últimos decênios, se associaram o Canadá e os Estados Unidos. O ritmo da conversão do mundo pagão, porém, continua muito lento, com exceção de algumas regiões, p.e. na África. Mas os recentes acontecimentos no continente africano tornam legítima a pergunta, se aqui o jovem catolicismo já lançou raízes bastante profundas para poder superar vitoriosamente os graves distúrbios político-sociais.

Tudo, aliás, parece indicar que a velha Europa, até agora o principal reservatório de missionários, tem chegado ao auge de suas possibilidades missionárias e talvez já o tenha superado, ou pelo menos que não poderá oferecer em um futuro próximo, notável aumento de pessoal missionário. Como então iniciar uma nova fase de evangelização do mundo pagão, com um ritmo mais rápido, pelo qual p.e. a Ásia e precipuamente a China — quando as condições políticas se tornarem mais favoráveis — poderá ser conquistada para a Igreja? Sem a participação da América Latina nesta imensa tarefa, e uma participação em grande escala, não se conseguirá a realização deste plano. Esta participação, porém, está condicionada pela vitalização da Igreja latino-americana, cuja consequência será a origem de um potencial missionário, correspondente a mais da metade do catolicismo mundial. E' então que se poderá esperar que o número de missionários disponíveis para a conversão do mundo pagão se duplique brevemente.

E' nesta dupla perspectiva de atual necessidade espiritual e de futuras possibilidades de evangelização que a América Latina em geral e o Brasil em particular merecem, mais do que qualquer outra região do mundo, a dedicação da Igreja católica inteira, e especialmente das Ordens e Congregações missionárias.

Este processo, aliás, já está se desenvolvendo palpavelmente e em um ritmo surpreendente. A Espanha tomou a primeira iniciativa, fundando em Madrid a Obra (episcopal) de Cooperação Sacerdotal Hispano-Americana (O. C.S.H.A.), que já se tornou uma força poderosa. Seguiu a Bélgica, abrindo em Lovaina o Colégio Latino-Americano, já em plena expansão. Roma deu então o grande impulso, criando a Comissão Pontifícia para a América Latina, cujo presidente é o Prefeito da S. Congregação do Concílio e cujos membros são os secretários das demais Congregações Romanas. No início do ano de 1960 convocou o Papa, João XXIII, todos os Superiores Gerais, residentes em Roma,

de Institutos masculinos e femininos, para deliberarem, em uma espécie de Semana de estudos, sobre as possibilidades de as Ordens e Congregações socorrerem rápida e abundantemente a América Latina com pessoal missionário. Também o Canadá e os Estados Unidos se empenharam, fundando ambos uma especial Comissão episcopal pro América Latina.

A consciência do mundo católico inteiro despertou, concentrando, em um modo todo especial, sua atenção e seus esforços na América Latina. Está se desenvolvendo um grandioso movimento para aumentar rapidamente o pessoal missionário — Padres, Irmãos e Irmãs — iniciando a vitalização da Igreja latino-americana e preparando, desta forma, para o futuro o ritmo acelerado da evangelização do mundo pagão.

II — A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL: SUA ORGANIZAÇÃO

A Conferência dos Religiosos do Brasil, que não obstante sua existência de apenas 7 anos, se tornou um dos mais poderosos órgãos católicos desse país, está em condições de oferecer às Ordens e Congregações religiosas uma valiosa assistência ao se estabelecerem no Brasil. Julgamos oportuno dar aqui uma sucinta exposição sobre sua organização e atividades.

A Conferência dos Religiosos do Brasil é a organização única dos Religiosos do Brasil, abrangendo todos os Estados de perfeição, tanto masculinos como femininos. Na sua Diretoria estão representados os três ramos de Religiosos, Padres, Irmãos e Irmãs.

A Conferência é organizada em três planos: nacional, estadual e regional. A CRB-Nacional, com sede em Rio de Janeiro-GB, as Seções Estaduais, existentes em todas as Capitais de Estado, e os Núcleos regionais da CRB, em cidades com maior número de Comunidades religiosas, particularmente no Sul do País, promovem, respectivamente no plano nacional, estadual e regional, os interesses comuns, tanto espirituais como temporais, dos Religiosos.

A. O *Governo da CRB-Nacional* abrange quatro órgãos:

1. A *Assembléia*, cujos membros são os *Superiores Maiores* (Padres e Irmãos) — ao todo 159 — e as *Superiores Maiores* — ao todo 301 — que se reúnem anualmente na 3.^a Semana de Julho no Rio de Janeiro. É ela o órgão supremo da CRB e eleger o Conselho Administrativo e a Diretoria Nacional da C. R. B.

2. O *Conselho Administrativo* da CRB, composto de cinco Superiores Maiores, para examinar o balanço e as contas da CRB-Nacional. Ele dá anualmente à Assembléia o parecer a respeito da administração e política financeira da CRB-Nacional.

3. A *Diretoria Nacional*, composta de 9 membros: a cúpula, o Presidente, o Secretário Geral e o Tesoureiro, mais seis conselheiros, dos quais três Padres e três Religiosas. Todos são Superiores Maiores, menos o Secretário Geral e o Tesoureiro. Esse último é Irmão de um Instituto não clerical. A Diretoria se reúne mensalmente, normalmente no 3.^o sábado do mês, de 15,00

às 18,00 horas. Ela nomeia o Comissão Executiva.

4. A *Comissão Executiva*, sob a imediata direção do Secretário Geral, composta atualmente de cinco Padres e um Irmão: um Capuchinho, Franciscano, Jesuíta, Redentorista, Verbo Divino e um Irmão Marista. Esses trabalham, com tempo integral, na Sede da CRB-Nacional. É a Comissão Executiva que planeja as atividades da CRB-Nacional e, depois de aprovadas pela Diretoria, as executa. É ela o nervo da CRB.

A CRB-Nacional atua, para assuntos de ordem geral, através da Comissão Executiva, para assuntos de formação religiosa, clerical, apostólica e profissional, através de seus Departamentos e para assuntos de assistência de ordem jurídica e temporal, através de seus Serviços.

B. Os Departamentos da CRB-Nacional:

1. O Departamento de *Estatística*, confiado ao Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, é o Departamento fundamental da CRB, organizando os fichários adressográficos na Sede Central por Província, por localidade e por gênero de atividade, respondendo às três perguntas: quantos são os Religiosos, onde estão e que fazem? Nele trabalham, com tempo integral, numa casa alugada pela CRB, 7 Irmãs. Através dele realiza a CRB seus inquéritos, levantamentos etc., com secções próprias de cartografia e desenho de gráficos. Ele trabalha, com regularidade, também para a Nunciatura Apostólica e para os Exmos. Srs. Bispos do Brasil.

2. O Departamento de *Ensino e Educação* está associado à AEC do Brasil, sob a direção dos Padres Jesuitas, orientando no plano jurídico e educacional os estabelecimentos de ensino e educação dos Religiosos.

3. O Departamento de *Catecismo*, confiado às Irmãs Ursulinas, orientando os Religiosos na sua formação e atividades catequéticas.

4. O Departamento de *Assistência à Saúde*, confiado às Filhas de São Vicente de Paulo, orientando as Religiosas, precipuamente através das Escolas de enfermagem e obstetrícia, no plano técnico, jurídico e apostólico.

5. O Departamento de *Assistência e Serviço Social*, confiado às Filhas do Coração de Maria, orientando no plano técnico, jurídico e apostólico, as obras de assistência social dos Religiosos, precipuamente através das Escolas de Serviço Social.

6. O Departamento de *Pastoral*, confiado aos Padres Redentoristas, fundou o Instituto de Pastoral da CRB, com curso ordinário de Pastoral, prescrito pela "Sedes Sapientiae", para as várias Ordens e Congregações clericais.

7. O Departamento de *Imprensa* (cinema, rádio e televisão), confiado aos Padres Franciscanos, pretende conseguir maior unificação da Imprensa dos Religiosos, em vista de uma maior penetração apostólica.

8. O Departamento de *Vocações e Formação religiosa*, confiado aos Padres Jesuitas, pretende orientar o recrutamento, seleção e orientação das vocações e ajudar na formação, sob todos os seus aspectos, dos Religiosos.

C. Os Serviços da CRB-Nacional:

1. O Serviço de *Assistência jurídica e canônica*, sob a imediata direção

do Secretário Geral, orientando a elaboração dos Estatutos civis de Congregações, Províncias, casas e obras, de contratos de administração de obras assistenciais, sociais, paroquiais etc., resolvendo casos jurídicos e canônicos.

2. O Serviço de *Estabelecimento de novas ordens e congregações no Brasil*.

3. O Serviço de *Novas Fundações*, funcionando como intermediário entre as várias entidades, eclesiásticas e civis, que pedem Religiosos, e as várias Ordens e Congregações religiosas.

4. O Serviço de *Transferência de intenções de Missas*.

5. O Serviço de *Viagens, domésticas e internacionais*, conseguindo, através de convênios com as companhias aéreas e marítimas (transatlânticas) descontos particulares para os Religiosos.

6. O Serviço de *Procuradoria*, funcionando como procurador junto aos Ministérios da Federação, particularmente para libertar as subvenções concedidas pelo Governo Federal às obras de Religiosos, educacionais, hospitalares e assistenciais.

7. O Serviço de *Fornecimentos*, conseguindo para os Religiosos, através de convênios com fábricas, descontos particulares na compra de artigos estandardizados de toda a espécie.

8. O Serviço de *Financiamento*, financiando a prazos de 6 a 36 meses artigos e veículos comprados na CRB.

9. O Serviço de *Depósitos*, aceitando depósitos, pagando 12% de juros ao ano, para desenvolver o Serviço de Financiamento.

10. O Serviço de *Publicação* que publica a Revista mensal da CRB e o Anuário dos Religiosos do Brasil.

11. O Serviço de *Publicidade*, angariando anúncios pagos, tanto para as publicações da CRB, como para os órgãos (jornais e revistas) dos Religiosos.

Os Departamentos 1-5 funcionam nas Casas religiosas na Cidade do Rio de Janeiro, às quais foram confiados; os Departamentos 6-8 funcionam na Sede Central da CRB. Os Serviços todos funcionam na Sede Central da CRB.

D. O pessoal da CRB-Rio,

Trabalha com tempo integral na Sede Central, situada à Avenida Rio Branco, 131-9.º andar, no coração do Rio de Janeiro; é composto de uma equipe de Religiosos e leigos. São oito os Religiosos: 5 Padres, 1 Irmão e 2 Irmãs. Estas últimas tomam conta da capela, copa e refeitório. A equipe de leigos abrange atualmente 49 membros, todos normalmente remunerados, sob a direção imediata do Diretor dos Serviços, que é leigo, e sob a supervisão do Secretário Geral. Fora deste pessoal da Sede Central, há ainda uns 20 funcionários, religiosos e auxiliares leigos, trabalhando nos Departamentos (1-5) nas casas religiosas do Rio.

E. A CRB-Nacional,

Se sustenta a si própria, sem precisar de contribuições de Províncias. Pois, funcionando os Serviços de viagens, procuradoria e fornecimento na base

de comissão, são suas rendas suficientes para pagar os salários dos funcionários civis, a manutenção dos Religiosos que trabalham com tempo integral na CRB-Rio, as despesas dos Departamentos, a manutenção e progressiva ampliação do escritório da Sede Central.

III. — SERVIÇO DE ESTABELECIMENTO DE NOVAS ORDENS E CONGREGAÇÕES NO BRASIL.

Esta Conferência dos Religiosos do Brasil criou um Serviço especial de estabelecimento de novas Ordens e Congregações no Brasil, a fim de reduzir ao mínimo possível as dificuldades que costumam acompanhar a implantação de um Instituto religioso em terra longínqua e desconhecida: dificuldades financeiras da viagem e hospedagem provisória, dificuldades jurídicas, tanto eclesiásticas como civis, dificuldades na escolha da região, cidade e obra a ser tomada, dificuldades na aprendizagem da língua etc. etc.

A CRB criou esse Serviço, julgando que a preparação do estabelecimento de um Instituto religioso no Brasil não pode efetuar-se única ou principalmente na base de correspondência. A experiência nos ensinou que é indispensável conhecer o Instituto a obra a ser tomada, visitando-a e estudando "in loco" as circunstâncias e ambiente. Consequentemente apresenta a CRB às Ordens e Congregações que pretendem estabelecer-se no Brasil e têm pessoal disponível para isso, o seguinte plano.

O Governo geral ou provincial envie ao Brasil a pessoa prevista como primeiro Superior (Superiora), com companheiro (companheira). Aos Institutos que têm dificuldades financeiras, adiantará a CRB as despesas da viagem marítima. Venham ao Rio de Janeiro, onde a CRB lhes providenciará hospedagem provisória gratuita, para estudarem na Sede da Conferência os planos e pedidos de fundação, existentes no arquivo da CRB. Esses pedidos vêm de Bispos, Vigários do Clero regular e secular e de entidades leigas, pedindo Padres, Irmãos e Irmãs, para as mais diversas obras de apostolado, paróquias, hospitais, estabelecimentos de ensino, obras sociais e assistenciais, etc., de todos os lados do Brasil, do Norte e do Sul, do litoral e do interior, de zonas rurais e urbanas, de zonas com clima tropical, sub tropical e temperado.

Assistidos pela Comissão Executiva da CRB farão uma escolha provisória e, acompanhados por um entendido na matéria, visitarão — financiando a CRB a viagem — a obra para estudá-la "in loco". Se a obra não corresponder às aspirações do Instituto, visitarão, sob as mesmas condições, uma segunda ou eventualmente uma terceira, até poderem fazer uma escolha definitiva.

A CRB dá sua eficiente assistência em tôdas as fases da preparação, providenciando os entendimentos com as autoridades eclesiásticas e civis, e elaborando o contrato entre o Instituto e a Diretoria da obra. Especial atenção é dedicada, primeiro, às possibilidades para a ulterior expansão da Ordem ou Congregação e consequentemente, em vista do recrutamento de vocações, à região e cidade da primeira fundação, e, segundo, ao contrato quanto à assistên-

cia espiritual a Irmãos ou Irmãs, condigna remuneração do trabalho dos Religiosos e, em caso de contrato com Hospital, à observância da moral católica, precipuamente no setor cirúrgico.

Uma vez definitiva a escolha, poderão os demais membros do Instituto que integrarão a primeira comunidade, vir ao Brasil, sob as mesmas condições. A CRB fornecerá tôdas as informações a respeito da bagagem que possa ser trazida sem direitos alfandegários, dará sua assistência no desembarque e na alfândega, na legalização dos documentos de imigração, providenciará hospedagem provisória gratuita e estágio para aprendizagem da língua e, finalmente, a viagem para o lugar de destino.

A CRB está em condições de apresentar estas facilidades financeiras principalmente por causa de duas circunstâncias: primeiro, pelo fato de muitos pedidos de fundação incluírem a promessa de reembolsar à CRB as despesas de viagem dos religiosos, e segundo, de muitos oferecerem obras que brevemente começarão a render normalmente, de forma que a CRB, neste caso, conclue um convênio com o Instituto sobre o reembolso, a longo prazo e em módicas prestações, das despesas, adiantadas pela CRB.

Desta forma acompanha a CRB o processo todo do estabelecimento de uma nova Ordem ou Congregação no Brasil, desde o início até o fim, desde os primeiros entendimentos por correspondência até a definitiva fundação da primeira comunidade. Em tôdas as fases ela dá sua eficiente assistência, aliviando notavelmente e reduzindo ao mínimo possível as dificuldades de uma primeira fundação, principalmente as jurídicas e financeiras.

CASOS PRÁTICOS SOBRE O DIREITO DAS RELIGIOSAS

Pe. Frei Rafael de União dos Palmares OFM Cap.

CASO XIII — FALTA DE CONVOCAÇÃO E VALIDADE DA ELEIÇÃO

Nas Constituições de uma determinada Congregação se estabelece que as eleitoras, que não podem tomar parte pessoalmente nas eleições, mandem o seu voto por carta.

Foi o que aconteceu com a Irmã Inspiração. Encontrando-se bem distante do lugar onde deveriam se realizar as eleições, temendo não poder estar presente, e querendo por tudo que a sua candidata, a Madre Margarida de Cortona subisse como Provincial, escreve logo uma carta, enviando por escrito o seu voto.

No dia aprazado na legítima convocação, houve a eleição e subiu, de fato, a Madre Margarida com apenas um voto a mais do necessário para ser eleita.

Como é de direito, em tal circunstância, foram verificar as cédulas para ver se a Madre Margarida tinha dado o voto a si mesma: o que não aconteceu...

O anormal era que a carta da Irmã Inspiração, votando na Irmã Margarida, era datada alguns dias antes da legítima convocação.

Naquele momento de ansiedade, foi aberto o Código de Direito Canônico, no cânon 163 e todas ouviram o seguinte: "Feita legitimamente a convocação, o direito de eleger pertence aos presentes no dia determinado na convocação, excluindo a faculdade de votar por carta ou por procurador, exceto se a lei particular estabelecer outra coisa".

Portanto, somente depois de feita legitimamente a convocação, é que as eleitoras recebem o direito de votar...

Ora, o voto da Irmã Inspiração foi dado alguns dias antes da legítima convocação...

Pergunta-se:

1. O voto da Irmã Inspiração foi válido para a eleição da Madre Margarida de Cortona?

2. A eleição da Madre Margarida foi legítima?

1. O VOTO DA IRMÃ INSPIRAÇÃO FOI VALIDO PARA A ELEIÇÃO DA MADRE MARGARIDA DE CORTONA?

1. O voto da Irmã Inspiração, no caso proposto, *foi válido*, porque a falta de convocação não obsta à validade da eleição, contanto que no tempo fixado se apresentem os que têm direito ao sufrágio.

2. Devemos afirmar que a Irmã Inspiração tem o direito de votar e o *fêz no tempo devido*. É bem verdade que o sufrágio *foi escrito* antes da convocação do Capítulo: mas o voto *é dado* quando os escrutinadores o colocam na urna juntamente com os votos dos eleitores presentes.

3. Diga-se, portanto, que a Irmã Inspiração, enquanto escrevera o seu voto, efetuava apenas a parte *material* do ato eletivo: o qual é posteriormente completado *formalmente* na ocasião em que se realiza a eleição.

4. Não obstante, no caso, a prescrição do cânon 163: "Feita legitimamente a convocação, o direito de eleger pertence aos presentes no dia determinado na convocação, excluindo a faculdade de votar por carta ou por procurador, exceto se a lei particular estabelecer outra coisa". Mediante estas palavras, não se segue que é a convocação que dá aos eleitores o *direito* de votar. É o que se depreende do cânon 162, § 4 ao afirmar que "*a falta de convocação não obsta, se os preteridos apesar disso assistirem*".

2. A ELEIÇÃO DA MADRE MARGARIDA DE CORTONA FOI LEGITIMA?

Pelo acima exposto, *sendo válido o voto da Irmã Inspiração*, a eleição da Madre Margarida de Cortona foi legítima e, obtendo um voto a mais do exigido, está eleita Provincial para todos os efeitos.

OS PATRONOS DAS OBRAS SOCIAIS

Pe. Belchior Cornelio de Silva, C.M.

Reitor do Seminário Maior de Mariana

Vivemos numa era de preocupações sociais. Influenciadas direta ou indiretamente pela doutrina e atividade da Igreja, as nações, desde o século passado, vêm devotando particular atenção aos problemas de ordem social que afetam os diversos povos do mundo. Parece ter-se descoberto de novo a dimensão social do homem, lamentavelmente esquecida em vários momentos da História. Ao observador atento não podem passar despercebidos os esforços envidados pela Igreja em favor da solução dos problemas sociais que afligem a humanidade. Que se considere a contribuição dos Papas, de um Leão XIII, de um Pio XI, de um Pio XII, dos Senhores Bispos, em todo o mundo, de muitos Sacerdotes, como um Pe. Pirc, um Pe. Lebret, de tantos leigos que se têm evidenciado por uma decidida procura de um equacionamento cristão dos mais graves problemas de feição social. Quem poderá outrossim balançar o concurso das Ordens e Congregações religiosas masculinas e femininas para a obtenção de uma ordem social na base da justiça e da caridade? Pio XII parece ter sintetizado suas exortações relativas ao empenho dos cristãos pelo melhoramento social do mundo, na Alocução aos Reitores dos Seminários da América Latina, ao dizer que “não deverá o sacerdote esquecer-se de que o primeiro de todos os códigos sociais é o Evangelho, onde a Igreja de Cristo, bebendo como em manancial inesgotável, tem podido encontrar todos os elementos indispensáveis para a elaboração de uma doutrina social perfeita e completa”. Daí desejar o Papa “ministros do Senhor que vivam no meio do seu povo, que compreendem as necessidades deste, que lhe sentem as dores, especialmente as daqueles que mais têm de sofrer, não só para se compadecerem deles, mas também para procurar aliviá-los; sacerdotes comprometidos disso a que hoje costuma chamar-se preocupação social” (24-IX-1958).

Não é portanto de estranhar-se que a Igreja tenha querido propor como Patronos das obras sociais alguns de seus melhores filhos, precisamente aqueles santos que mais se distinguiram pelo devotamento à solução dos problemas que, em todos os tempos, têm angustiado a grande família humana.

Muitos certamente são os santos da hagiografia católica dignos de ser apresentados como exemplos insígnies e padroeiros excelsos dos que trabalham pelo bem-estar social da humanidade, segundo o espírito do Evangelho. Dois, entretanto, receberam da Igreja, em memoráveis documentos, o título oficial de “Patronos das Obras Sociais Cristãs”. São eles São Vicente de Paulo (1581-

-1660) e Santa Luiza de Marillac (1591-1660), aos quais o mundo inteiro vem de tributar solenes homenagens, por ocasião do transcurso do terceiro centenário de morte gloriosa. São Vicente de Paulo foi proclamado "Patrono Universal das Obras de Caridade" por S. Santidade o Papa Leão XIII, em breve datado de 12 de maio de 1885. Sua Santidade o Papa João XXIII, no dia 10 de fevereiro de 1960, constituiu Santa Luiza de Marillac "celeste Padroeira de todos os que se consagram às Obras Sociais Cristãs".

A leitura da vida e das obras destes dois paladinos da assistência social cristã, cujas biografias são conhecidas em todo o mundo e se encontram espalhadas entre nós em língua vernácula, dispensa-me de recordar os princípios que informam a sua atividade social haurida diretamente no Evangelho e ora apresentada como modelar aos cristãos dos nossos tempos. Nosso intento é apenas lembrar aos que trabalham no apostolado das obras sociais, quer religiosos, quer leigos, os nomes dos dois Santos Patronos que a Igreja, em documentos oficiais apresenta. Acrescentarei somente, a título de subsídio para ulteriores leituras e consultas, um pequeno roteiro bibliográfico a quem desejar conhecer mais de perto os padroeiros de uma atividade tão santa quanto necessária em nossos dias. Sem citar as numerosas biografias dos dois heróis da assistência pública, as quais costumam dedicar extensos estudos ao presente tema, limitar-me-ei à indicação de algumas obras que analisam o aspecto particular de sua atividade social: ARTHUR LOTH, *Saint Vincent de Paul et sa mission sociale*, Paris, Dumoulin, 1880; J. B. BOUDIGNON, *Saint Vincent de Paul, modèle des hommes d'action et d'oeuvres*, Paris, Gaume, 1886; FELIÙ Y PEREZ, *San Vicente de Paul y su mission social*, Barcelona, 1887; ERNST VORAGE, *Der Irrenfreund von St. Lazare*, Berlin, Otto Müller; *Die Armenhilfe des hl. Vinzenz von Paul*, Köln, 1932; *St. Vinzenz, ein Strassenapostel*, Köln, 1933; W. EMMANUEL, *Las fundaciones de caridad de San Vicente de Paul*, Madrid, 1935; LOUIS DESPLANQUES, *Saint Vincent de Paul sous l'emprise chrétienne*, Paris, 1936; BERNARD GAUDEUL, *Saint Vincent de Paul, Précurseur de l'assistance publique*, Paris, 1938; J. BAETEMANN, *Na Escola de São Vicente*, Petrópolis, 1943; MARÇAL VERSIANI, *Com Cristo no Pobre*, Belo Horizonte, 1960; HERBERT BERTAUD, *Spiritualité de l'action: à l'École de M. Vincent*, Paris, Alsatia, 1960; CHARLES GIELEN, *La Charité demeure: essai d'une pastorale et d'une spiritualité de l'entraide*, Paris, ed. univ., 1960; ANDRÉ DODIN, *Saint Vincent de Paul et la Charité*, Paris, 1960; G. D. DUVIC, *Saint Vincent de Paul, Ministre de la Charité*, Paris, 1960; G. HUNERMANN, *Le Père des Pauvres*, Mulhouse, Salvator, 1960; BAUNARD, *La Vénérable Louise de Marillac*, Paris, Poussielgue, 1898; JERÔNIMO PEDREIRA DE CASTRO, *Vida de Santa Luiza de Marillac*, Petrópolis, Vozes, 1936; MARGARET FLINTON, *Sainte Louise de Marillac et l'aspect social de son oeuvre*, Paris, 1953; S. S. O PAPA JOÃO XXIII, *Breve proclamando o Patrocínio de Santa Luiza de Marillac sobre as Obras Sociais*, in *Annales de la Congrégation de la Mission*, Paris, 1959; IDEM, *Carta ao R. P. WILLIAM SLATTERY, Sup. Geral da Cong. da Missão, no Tricentenário de morte de S. Vicente e de Santa Luiza*, in *Annales*, Paris, 1959.

Departamento de Serviço e Assistência Social

NOSSAS PROFISSÕES AO SERVIÇO DA PESSOA HUMANA

PROGRAMA PARA 1961 PROPOSTO PELA U.C. S. S.

Quatro temas de trabalho são aqui propostos:

- 1) O respeito da pessoa humana, na sua vida e sua realização;
- 2) A discrição e o segredo profissional;
- 3) A neutralidade;
- 4) O espírito de serviço e o ato gratuito.

Nossas profissões requerem, se queremos viver cristãmente, que conheçamos bem o pensamento da Igreja sobre estas diferentes questões. É papel da U.C.S.S. ajudar-nos-á nisto.

Acreditamos freqüentemente “possuir” a verdade ainda que a tenhamos aflorado. É concebível que uma enfermeira ou uma assistente social católica nunca tenha lido tal encíclica, tal discurso importante do Santo Padre, e desconheça a doutrina sobre tal problema concreto onde o respeito da vida está empenhado? Os questionários que seguem têm principalmente por fim fazer-nos procurar os grandes princípios sobre os quais a Igreja se apoia quando reclama o respeito à vida, à lei natural, à discrição, etc... Sabemos nós o que a Igreja ensina? Ver-se-á melhor em seguida como abordar a realidade quotidiana e quais aplicações podemos fazer da doutrina em nossa vida.

Cada um dos temas propostos poderia evidentemente, por si só, dar matéria para reflexão durante todo o ano. Cada grupo ou cada categoria profissional procederá assim como entender: aqui, tal questão pode já ser estudada; lá, uma outra pode apresentar um interesse mais imediato.

Permitimo-nos todavia insistir para que as questões estudadas sejam realmente aprofundadas. Será melhor, em certos casos, não tomar senão um ou dois temas e estudá-los seriamente durante todo o ano, do que sobrevoar o conjunto.

As notas bibliográficas poderão ajudar, na maior parte do tempo, a formular a resposta cristã a ser dada às questões colocadas por estes diversos temas.

Cada grupo de trabalho, ou círculo, terá vantagem em prever desde o começo um “relator” que será encarregado de conservar para o grupo e de enviar ao Secretariado nacional o essencial das observações colhidas e das conclusões procuradas no curso do estudo empreendido.

1 — O RESPEITO DA PESSOA HUMANA NA SUA VIDA E NA SUA REALIZAÇÃO

A justiça requer o respeito dos direitos e dos bens do outro. O primeiro bem do homem e o mais importante no plano temporal é a *vida*.

A advertência da doutrina cristã neste domínio é urgente; o mundo moderno barateia a vida: o nacionalismo, o comunismo, as guerras modernas, che-

garam a uma consumação assustadora de vidas humanas; os costumes privados aceitam com facilidade o infanticídio e o aborto, até mesmo a idéia da morte de seres tidos como inúteis à vida social (eutanásia, esterilização, etc.).

O plano que segue enumera algumas das grandes questões relativas ao respeito da vida. Poder-se-á escolher, entre os casos citados, aquele ou aqueles que mais freqüentemente se encontram ou que necessitam de uma reflexão mais profunda.

Para ficar na linha do trabalho proposto, começar-se-á por procurar a doutrina católica neste domínio sempre posto em questão pelas nossas profissões. Para vivê-las cristãmente parecc-nos indispensável conhecer com precisão o pensamento da Igreja, sob pena de chegar à conclusão de que cada um faz sua própria moral e sua verdade.

Princípio fundamental: a vida humana pertence somente a Deus. O homem tem dela somente o uso. Ela tem sua origem em uma alma criada à imagem de Deus, para um destino eterno.

Não somente o homem não deve matar, mas tem o dever de cuidar de sua vida, sua saúde, da integridade de seu corpo; e deve, para isto, usar os meios considerados como ordinários no tempo e no lugar onde vive. "Dá conta de tua administração".

A) Sabemos o que a Igreja ensina sobre o respeito à vida?

- 1) Antes do nascimento,
- 2) Respeito da criança,
- 3) Cuidado do equilíbrio físico e mental do homem,
- 4) Limites de experimentação (psicanálise, novos tratamentos),
- 5) Mutilações,
- 6) Assistência às pessoas em perigo,
- 7) Eutanasia,
- 8) Esterilidade,
- 9) Suicídio,
- 10) Pena de morte.

B) Sabemos o que a Igreja ensina sobre:

1) O *mínimo vital*:

— Propriedade de bens materiais:

Destino dos recursos da Criação (a fome no mundo);

Posse ou gerência, direito ou acesso à propriedade (incidentes sobre os alojamentos atuais);

— Salário justo:

Salário vital, família, diferentes.

— Condições de trabalho:

Horários;

Rendimento (trabalho em corrente, cadência);

Coordenação automática e liberação.

2) O *respeito da vontade livre do homem*:

— Obstáculos:

- Materialismo, paternalismo;
- Propaganda, (imprensa, informação)...
- Meios:
 - Acesso ao aperfeiçoamento e à promoção pessoal;
 - Abertura à vida espiritual (possibilidade de aprofundamento)...

Para ajudar nossa reflexão...

- Ensinamentos Pontificais n.º 201: o corpo humano.
- Pio XII: Discurso às mulheres católicas cultas, 29 de outubro 51 — (DC 2-12-1951).
- Encíclica Rerum Novarum (1891).
- Quadragesimo ano (1931).
- Divini Redemptoris (1957).
- Direção Pastoral em matéria social para uso do clero (Assembléa plenária do Episcopado francês, 1954).
- HARING: La loi du Christ.
- NIEDERMEYER: Précis de médecine pastorale.
- TIBERGHIEN: Médecine et Morale.
- Cahiers Laennec (sobre o aborto, eutanásia, experimentação, etc...).
- J. MOUROUX: Sens Chrétien de l'homme.
- Semana Social de Montpellier 1951: Saúde e Sociedade.
- Numerosos relatórios de Semanas Sociais. Notadamente os da 20.ª Semana (Paris, 1928: A lei da caridade, princípio de vida social), da 34.ª (Paris, 1947: O catolicismo social face às grandes correntes contemporâneas); da 39.ª (Dijon, 1952: Riqueza e miséria).
- BLARDONE; CHARTIER; FOLLIET, VIAL: Initiation économique et sociale; t. 1.
- R. GUARDINI: Liberté, grâce et destinée.
- VILLAIN: Ensino social da Igreja, 3 vol. Spes, 1953-54.
- Encontrar-se-á a posição protestante na Medicina moderna e respeito à vida. Investigação e conclusão do 6.º Congresso médico-social protestante, 1957, Paris.

“Proclamamos como exigências fundamentais de concórdia social, estas aspirações nas quais tanto vos empenhais: um salário que assegure a existência da família, que permita aos pais o cumprimento de seu dever natural de fazer crescer uma família sãdiamente nutrida e vestida; uma habitação de pessoas humanas; a possibilidade de proporcionar a vossos filhos uma instrução suficiente e uma educação conveniente, de prever os dias de dificuldades, de doença, de velhice e a tudo prover (Pio XII dirigindo-se aos operários).”

II — DISCRICÃO E SEGRÊDO PROFISSIONAL

Tal assunto parece de novo necessitar bastante de um estudo neste momento em que o “segrêdo profissional” é tão freqüentemente discutido, combatido, recolocado em questão e que coloca constantemente problemas às nossas consciências de profissionais cristãos.

Guardar um segrêdo, surpreendido ou revelado, profissionalmente ou não, faz parte da “discricão”. Porisso pareceu preferível propor, em primeiro lugar, às nossas reflexões, um estudo sobre a discricão em si mesma.

Trata-se de uma disposição natural (ou estado de espírito)? De uma atitude psicológica (para uma relação interpessoal)? De uma obrigação legal ou moral (artigo de um código)?

Conviria, antes de entrar no estudo prático, situar a discrição no seu verdadeiro lugar: elemento da virtude de Caridade e da virtude de Justiça, lembrar que a discrição é ela mesma virtude, isto é costume, atitude permanente em respeito de todo "outro", que ela decorre da concepção cristã da dignidade, da personalidade e da finalidade do homem.

Através do Evangelho, procuraremos exemplos desta caridade discreta cujo exemplo o Cristo nos dá ao longo de sua vida terrestre.

A) *A discrição.*

A discrição deve ser exercida em todas ocasiões, por todos. Cada um de nós deve exercê-la, independentemente de sua profissão. Mas nossa profissão de enfermeira e de assistente social, por estado, nos leva a conhecer situações privadas delicadas e a receber confidências (taras físicas, morais, deficiências morais e sociais etc...)

Sabemos o que a Igreja ensina?

— Que se entende exatamente por discrição?

— Por que a Igreja nos convida a praticá-la?

Respeito da pessoa? da função do bem comum?

— A discrição é um absoluto?

Concretamente:

— Tem-se suficientemente consciência desta necessidade de discrição?

— Constatamos nós as faltas de discrição:

— Com respeito a nossos doentes ou nossos clientes?

— Com respeito a nossos colegas ou nossos serviços?

— Por que, tantas vezes, parece se dar tão pouca importância, em nossa profissão, à direção

— Como se justificam estas faltas à discrição?

— Do ponto de vista "técnico"?

— Do ponto de vista "moral"?

— Como fazer tomar consciência daquilo que devem ser nosso comportamento e nossas atitudes no domínio da discrição:

— Para todas, enquanto Enfermeiras e Assistentes sociais?

— Para nós, enquanto cristãs?

B) *O Segrêdo Profissional:*

A noção do "segrêdo profissional" parece evoluir e dar lugar à interpretações diversas. Trata-se então:

a) De definir o que é o segrêdo profissional e procurar os textos legais concernentes a ele.

b) De precisar o segrêdo profissional nos fatos:

— Para as enfermeiras

— Para as Assistentes Sociais.

Diante de quem se tem a obrigação do segrêdo profissional?

— Colegas,

— Serviços,

— Administrações,

— Outras profissões — para-médicas e para-sociais,

- Pessoas empenhadas na ação social à qual colaboram nossas profissões (delegados sindicais, representantes familiares, etc...).

Como é compreendido o segredo profissional ao qual somos legalmente obrigados:

- Em nossas profissões: limites, dificuldades encontradas (procurar casos concretos), etc...;

— Para as outras categorias de pessoas citadas acima.

c) Em que consiste o "segredo partilhado" em nossa profissão: suas necessidades, seus limites, seus perigos?

d) Qual deve ser para nós, o segredo profissional: seus limites, em virtude de que é obrigação para nós?

Para ajudar nossa reflexão...

B. HARING: *La Loi du Christ*, I-III.

— *Initiation Théologique*, I-III.

— *Nouvelle revue Théologique*, 1934 — 277-284.

TIBERGHIE: *Médecine et Morale*.

— *Cahiers Laennec: Le secret médical* (1950, n.º 3).

VIDAL, CARLOTTI: *Les raisons morales du secret médical. Rapports du 1er. Congrès International de morale médicale, Paris, oct. 1955*.

III — A NEUTRALIDADE

W. E. D. S.

Abordamos um terceiro tema, que apresenta ao mesmo tempo uma grande atualidade e uma dificuldade séria. Somos empregados muitas vezes por serviços "neutros" que exigem de nossa parte o respeito à neutralidade. Qual é nesta matéria, o pensamento da Igreja?

1) *Sabemos aquilo que a Igreja ensina?*

Servindo-se de dados do magistério, tentemos definir:

- Laicado, laicismo;
- Tolerância, intolerância, sectarismo;
- Indiferença, cepticismo;
- Recusa de julgar;
- Respeito das consciências.

Esta reflexão deve nos levar a descobrir o que é uma verdadeira *neutralidade*:

a) Como atitude prática:

- Diante dos serviços, empregados, (leigos ou religiosos);
- Diante dos costumes, clientes;
- Diante dos colegas.

b) Sobre quais valores humanos e espirituais a neutralidade deve se apoiar?

2) *Problemas colocados pela neutralidade.*

a) Como conciliar o respeito das pessoas e o respeito dos valores? Problemas da verdade e da sinceridade?

b) Como conciliar o respeito da liberdade dos outros e o dever de "tes-

temunhar”?

- c) Como agir, concretamente?
 - Doentes em perigo;
 - Recém-nascidos, agonizantes;
 - Crianças a colocar ou fazer adotar;
 - Conselhos a dar (divórcio) etc...

Para ajudar nossa reflexão...

- Pio XII: Discurso de 6 de Dezembro de 1953 (DC 27-12-1953).
- Carta coletiva dos bispos italianos sobre o laicismo — 23 março 60 — (DC 15-5-60).
- A. HARTMANN. SJ. Verdadeira e falsa tolerância. (Estudos 1932).
- J. LECLER: As formas modernas de intolerância, “Etudes” 1932.
- J. LECLER: O papado moderno e a liberdade de consciência, “Etudes” junho 1946.
- J. LECLER: História da tolerância no século da reforma, 2. vol. Aubier — 1955.
- Tolerância e comunidade humana — Castermann — 1952.
- L. CAPERAN: História contemporânea do laicado francês, 1957.

IV. — ESPÍRITO DE SERVIÇO E ATO GRATUITO

A) *Espírito de serviço.*

Este último questionário queria nos ajudar a refletir sobre o verdadeiro sentido de nossas profissões. Em uma palavra, pode-se dizer que são “serviços” e que devem em consequência, ser animadas por um verdadeiro espírito de serviço que se traduz pelo ato gratuito.

O *espírito de serviço* é, sempre segundo o Evangelho, um ato que não tem outra razão de ser que o bem do outro, quer dizer um serviço totalmente desinteressado, sem nenhum proveito pessoal.

a) Seria importante começar por refletir seriamente sobre estas duas noções e procurar qual é, sobre este ponto, o pensamento da Igreja.

b) Poder-se-á, em seguida, responder ao seguinte questionário:

— Nossas profissões são realmente serviços e ao serviço de (doentes, usuais, serviço da sociedade)?

— Como conciliar este espírito de serviço com o desejo legítimo de ganhar a vida? Se entrou-se na profissão tendo como primeiro desejo o de ganhar a vida, não se poderá, apesar de tudo, dar à própria atividade este sentido de Serviço?

— Procurar na literatura moderna, os filmes ou certas personagens-típicas, o comportamento daqueles que têm realmente espírito de serviço? Por que?

— A comparar os diferentes “serviços” de um país como o nosso:

— Grandes serviços rodoviários — ferroviários, DCT, etc...

— Serviços em escalas mais reduzidas (município, grupo de “habitat”, juventude e esportes, orientação profissional, ensino doméstico, etc...);

— Serviços sanitários e Sociais.

Qual é a originalidade destes últimos?

Por que a Igreja sempre a eles dirigiu sua atenção e durante tanto tempo, foi ela a única a assumi-los?

B) O ato gratuito.

Deus faz tudo gratuitamente, isto é, não procura seu proveito pessoal: Ele nos ama por pura bondade.

Criou o mundo e o homem para que este seja feliz e participe de sua alegria.

Se o homem é criado à imagem de Deus, o amor verdadeiro consistirá em amar, ele também, de maneira totalmente gratuita e em agir em toda a sua vida como Deus.

Chega-se dêste modo à dizer, que mesmo quando age "profissionalmente" o homem deve ter este espírito de gratuidade.

O ato gratuito não é pois aquele que é feito somente fora do serviço: toda ação deve ser marcada por este espírito desinteressado, "gratuito"... mesmo que seja "obrigatória".

A primeira providência seria então, aqui, refletir sobre esta gratuidade da ação Divina, que deve dar todo o seu sentido à nossa atividade de homem. Poder-se-á em seguida considerar estes pontos particulares:

a) Ainda que seja paga, uma função como de Enfermeira ou Assistente, requer este espírito de gratuidade. O salário não é senão o reconhecimento do serviço, o sinal do serviço prestado. Mas para que este espírito (que deve ser, finalmente, a razão de ser do Serviço Social) subsista, não é preciso que haja em nossa vida, atos totalmente gratuitos isto é, atos não retribuídos?

b) A que se reduz a profissão se não há mais este sentido de gratuidade?

c) Se não se tem mais um espírito de serviço desinteressado, a razão de ser mesmo da profissão não estaria arriscada a desaparecer?

Não se vê mais as necessidades dos outros (cf. o rico máu que não viu Lázaro). Ao contrário a generosidade não saberia se fazer imaginativa, inventiva, não descobriria sempre novos setores de misérias?

d) Que repercussão sobre a maneira de realizar o trabalho pode ter o espírito de gratuidade, espírito de verdadeiro serviço?

e) As ciências humanas (sociologia, psicologia) podem desenvolver a disponibilidade, a compreensão do outro, o esquecimento de si? Em que condições?

f) Que atitudes espirituais deve-se adquirir para manter, ou conservar a serenidade, o desinterêsse?

g) Os perigos do tecnicismo não podem ser contrabalançados por uma renovação da gratuidade?

Para ajudar nossa reflexão...

— G. DIDIER: Désintéressement du chrétien (notadamente a introdução e a conclusão).

— ROTUREAU: Amour de Dieu, amour des hommes.

*Traduzido de "Pages de Vie" — U.C.S.S.
"Bulletin Bimestriel" — Julho-agosto 1960.*

4.º CURSO DE JORNALISMO PARA RELIGIOSOS

Segundo noticiamos há tempo, realizou-se de 9 a 21 de janeiro pp. o 4.º curso de jornalismo para Religiosos em São Paulo, ao qual compareceram representantes de nove Estados e de vinte e três Congregações, sendo cinquenta e dois religiosos, dez padres e seminaristas seculares e os demais jornalistas leigos, num total de oitenta e seis cursistas. Apresentamos a seguir as conclusões deste 4.º Curso Intensivo de Jornalismo, organizado pela Conferência dos Religiosos, sob os auspícios da Escola "Casper Libero" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1) A missão do jornalista católico atual é levar a mensagem de Cristo ao mundo moderno, servindo-se de todos os veículos modernos de difusão de idéias, como seja: os jornais, as revistas, o rádio, a televisão e o cinema.

2) Há dois campos a separar: a imprensa propagandística e a imprensa jornalística (1) ou seja o propagandismo e o jornalismo.

É de capital importância distinguir bem entre amadores de apostólica boa vontade e de jornalistas católicos formados, que queiram ombrear com os jornalistas da técnica moderna.

3) Reconhecemos, porém, que o jornalismo católico no Brasil atualmente não possui o lugar que deveria ocupar, nem tem a penetração desejada. Uma das causas principais desta deficiência é o fato de a imprensa católica não ter acompanhado a evolução do jornalismo moderno.

4) Queremos trabalhar, quanto pudermos, para levar a imprensa católica à posição que deveria ocupar na sociedade moderna. Isto, no entanto, exige a) de todos quantos querem trabalhar por este ideal: formação jornalística moderna b) de todos quantos são responsáveis por este ideal: compreensão e espírito abnegado, i.é.: apostólico, para colocar o bem da imprensa católica acima de interesses particulares.

5) Quanto à imprensa escrita sentimos a necessidade de haver mais união e mútua colaboração entre os diversos jornais e revistas católicas existentes, para uni-los em órgãos de âmbito regional mais amplo (2) que, unindo as forças e reduzindo as despesas sejam capazes de produzir algo melhor.

O aperfeiçoamento de jornais e revistas existentes, a formação de uma boa equipe de diretores, redatores, administradores, repórteres, e técnicos é condição indispensável para haver real e suficiente fundamento, sobre o qual se possa levantar uma imprensa católica mais dinâmica e mais promissora.

(1) à impr. propagandística pertencem p.ex. Revistas de assuntos especializados.

(2) Expl.: jornais diocesanos na Europa. Há assuntos iguais para todas as dioceses com separatas p. as diversas dioceses ou paróquias. No Brasil expl. de Sorocaba e outros. — Outra proposta: em vez de montar 2 ou 3 oficinas antiquadas, unir as forças e montar uma moderna, em que sejam impressos vários semanários ou até vários diários.

6) Julgamos ser de máxima importância a colaboração de católicos formados em órgãos de imprensa, que não são de propriedade da Igreja. Esta colaboração, porém, seja tão bem apresentada, de maneira que os directores das diversas empresas accitem a colaboração mais pelo valor jornalístico do que apenas por um ato de favor.

Levar a mensagem de Cristo até aos lugares mais longínquos da nossa pátria e aos corações mais distantes de Deus é o nosso ideal. Por este ideal santo e sublime lutaremos até ao fim!

CURSO VOCACIONAL EM S. PAULO

A C.R.B., juntamente com a CNBB, promoveu, em S. Paulo, do dia 24 de janeiro ao 2 de fevereiro, um curso vocacional, destinado aos Padres, Religiosos e Religiosas. O curso foi dado pelo R. P. Salvator Bortoni, S.J., do México; o Padre Bortoni, encarregado pelo Episcopado mexicano de dirigir o movimento vocacional e a formação de promotores no México, é geralmente reconhecido como sendo a maior autoridade, neste campo de vital importância, em toda a América Latina. O Pe. Bortoni já tinha dado antes cursos não só no México, mas ainda na Colombia, e experimentado os seus métodos em Venezuela, Cuba e Espanha. No início de março, dará um curso em Lima.

Aproximativamente, 200 pessoas participaram do curso, sendo praticamente igual o número de Religiosas por um lado, de Padres e Religiosos pelo outro. O curso teve lugar no Colégio de N. S. de Sion; as Madres de Sion fizeram tudo para assegurar ao curso as melhores condições materiais, e, com grande sentido da oportunidade, sugeriram aos Padres presentes entrarem no crescente movimento dos Sacerdotes que se comprometem a celebrar anualmente uma Missa pela conversão de Israel.

O P. Bortoni focalizou os problemas vocacionais à luz da teologia da Graça atual, mostrando como Deus prepara os seus eleitos, e depois lhes notifica o seu chamamento por meio de graças atuais, de luz e de força. Ele mostrou, seguindo os "Exercícios espirituais" de Santo Inácio de Loyola, a importância vital do "discernimento dos espíritos" ou movimentos da alma, para poder julgar da autenticidade duma vocação; explicou os diferentes modos que Deus emprega para chamar uma alma à vida sacerdotal e religiosa.

Estas explicações teóricas, dadas na língua espanhola, foram sazoadas de observações práticas joradas da grande experiência do Padre, cuja vitalidade, e facilidade em manejar o microfone em todas as direções, asseguravam a atenção constante do vasto auditório. Não menos que as suas idéias, a personalidade do Pe. Bortoni é dinâmica, e ele não gosta muito de falar sentado ou de ficar imóvel!

Um sorriso constantemente renovado, freqüentes brincadeiras, e algumas tentativas para manipular a língua de Camões acabaram de sustentar o constante interesse dos ouvintes para um curso profundamente sério, dominado pela paixão do Pe. Bortoni: solucionar o problema vocacional da América Latina.

Com muita benevolência, o Padre respondeu às perguntas que lhe foram feitas durante as aulas, e que ele mesmo, freqüentemente, provocava, ansioso como estava de manter um diálogo com os congressistas. De tarde, tiveram lugar reuniões de grupos sobre os temas escolhidos pelo Pe. Bortoni, com leitura em plenário das conclusões atingidas.

O Curso do Pe. Bortoni foi seguido duma segunda semana, dedicada à exposição de experiências vocacionais feitas no Brasil. Algumas destas palestras aparecerão nesta Revista. Todas mantiveram alerta a atenção dos ouvintes. Como, infelizmente, fui impedido por circunstâncias imprevistas de

ouvir algumas, não pormenorizarei mais. Direi somente, que a palestra de S. E. Dom Vicente Zioni, sobre o trabalho vocacional feito na arquidiocese de S. Paulo, foi particularmente notável pela precisão dos dados. Sua Excelência, aliás, apesar de suas numerosas ocupações, participou de quase todas as reuniões, tomando numerosos apontamentos. Provou assim o interesse do curso do Pe. Bortoni, e a sua própria e incansável preocupação de aperfeiçoar sempre as suas já riquíssimas noções e técnicas em relação com o maior problema da Igreja do Brasil.

Sua Excelência D. Vicente Zioni encerrou, em nome do Cardeal Arcebispo de S. Paulo, Dom Carmelo de Vasconcelos Mota, impedido no último momento, um curso tão interessante, útil e agradável. Dom Zioni anunciou que o III Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais teria lugar em Fortaleza, do dia 10 ao dia 15 de agosto de 1962. Venham em grande número.

Os nossos agradecimentos particulares ao R. P. Pascoal Filipelli, S.D.B., presidente da Conferência dos Religiosos de São Paulo, cuja atividade organizadora possibilitou o êxito do congresso, em que não poupou tempo nem forças para satisfazer os desejos de todos; assim como às Madres de Sion, e a todos os oradores não mencionados aqui duma maneira explícita, mas que contribuíram para o feliz resultado atingido.

Ao acabar esta breve descrição, como não exprimir o desejo de todos: que o P. Bortoni volte ao Brasil, e dê aos Padres e Religiosos novas lições de sua vasta, refletida, e entusiasta experiência na cultura das vocações e na formação de promotores vocacionais?

P. B. de Margerie, S.J.

do departamento de Vocações da CRB

ENTRE MUNDURUCUS E TIRIÓS

Há 50 anos que os Franciscanos Frei Hugo Mense e Luís Wand encetaram a catequese da tribo dos índios Mundurucus no rio Cururu, afluente do Tapajós (Pará). Fazia apenas três anos que as Províncias Franciscanas de St^o. Antônio e da Imaculada Conceição haviam assumido o pastoreio da prelazia de Santarém quando os dois destemidos missionários, após algumas excursões de exploração, rumaram rio Tapajós e Cururu acima, até que em certa altura os remeiros declararam: "Daqui para cima não iremos". Perguntando pelo motivo souberam os missionários que os Mundurucus eram considerados selvagens. Assim os próprios religiosos pegaram dos remos enfrentando um futuro bem perigoso. Nada porém lhes aconteceu, no primeiro contato com os temíveis silvícolas.

Ao lado da obra catequética e civilizadora, dedicava-se Frei Hugo a pesquisas meticolosas sobre o idioma, compondo dicionários sob vários aspectos, para andar certo de esgotar todo o vocabulário mundurucu, trabalho este que lhe tomou cerca de dez anos e que tem prestado relevantes serviços aos demais missionários.

Outro estudo interessante e muito apreciado foi o da mitologia dessa tribo. O que Frei Hugo principiou a pesquisar sobre a figura central de Carasacalbé; os seus sucessores levaram ao bom termo, cabendo a Frei Alberto Kruse a satisfação de ter publicado os resultados finais em revistas internacionais como a de etnologia ANTHROPOS (Friburgo — Suíça).

Mas também leigos estudiosos ocuparam-se da missão entre os Mundurucus. Incrivelmente a melhor descrição saiu da pena de Arthur Burcks, o qual conviveu com os missionários e índios durante meses, reunindo material para o mundialmente conhecido livro "Sinos à margem do Cururu", hoje traduzido em várias línguas (Edit. Vozes) e sob todos os aspectos elogiado pelas próprias revistas missionológicas.

Desde os primórdios da missão, associaram-se aos Franciscanos as Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, fundadas a 14 de Dezembro de 1910 por Dom Frei Amando Bahlmann, OFM, prelado de Santarém, e pela Madre Maria Imaculada Tombrock, congregação esta que hoje conta com duas províncias no Brasil, uma nos Estados Unidos da América do Norte, uma na Alemanha e, fiel ao ideal missionário, mantém muitas casas não só nas prela-zias de Santarém e Óbidos, mas ainda, após a sua expulsão da China, em For-mosa e recentemente na África do Sul.

Segundo o método missionário traçado por Frei Hugo Mense, os Mundurucus vivem completamente isolados de todos os demais habitantes do Cururu e Tapajós, sendo a qualquer estranho vedado o acesso à missão, a não ser que tenha permissão do Superior Franciscano. A experiência quatro vezes secular justifica esta medida para se evitarem aborrecimentos com viajantes e explo-radores, como também para se conservarem os costumes e tradições da tribo e a boa marcha da civilização genuinamente cristã.

Como porém a prela-zia de Santarém, à qual pertence a missão dos Mundurucus, passasse em 1957 à administração dos Franciscanos norte-americanos da província do Sagrado Coração de Jesus, tratou-se também logo de preparar a entrega da missão aos mesmos religiosos, estando até o presente um só missio-nário americano entre os confrades alemães da Mundurucânia.

Visto que a Província de Santo Antônio em 1957 assumiu a nova prela-zia de Óbidos (Pará), desmembrada da de Santarém, viu-se na contingência de sondar as possibilidades de fundar nova missão entre os índios limítrofes da Guiana holandesa. Fazia anos que o missionário Frei Protásio Frickel, conhe-cido etnólogo, mantinha contato com várias tribos daquela zona, estudando-lhes a um tempo as línguas, a etnologia e mitologia. Numa das últimas expedições fluviais pelos rios Trombetas e Erepecuru, realizada de 1958 a 1959, os missioná-rios gastaram carenta dias até encontrarem a primeira maloca de silvícolas. Terminada a excursão terrestre que levava três a quatro meses, encontraram o rio seco e os víveres tão minguados que tiveram de alimentar-se unicamente de palmito e alguma caça, até que chegaram mantimentos do convento de Oriximiná.

Obtida a licença para a fundação da nova missão na Serra do Tumuc-humac, começaram os Franciscanos, ainda em 1959, a construir dois campos de aviação na zona da futura aldeia dos índios Tiriós que representam a tribo mais populosa. Como a nova missão constitui uma garantia das fronteiras brasileiras daquela região, a Força Aérea Brasileira se mostra muito interessada pela execução do projeto franciscano, tendo também ajudado nas obras de construção dos campos e facultando aos missionários as viagens aéreas entre Óbidos e Tumuc_humac.

Após a fase inicial dos preparativos, o Ministro Provincial Frei Serafim Prein OFM, declarou, em agosto de 1960, a missão como fundada, designando como primeiro missionário Frei Angélico Mielert o qual há vinte anos vinha trabalhando entre os Mundurucus. Da fase experimental da missão que abran-geu os oito primeiros meses de 1960, ofereceu-nos uma descrição pitoresca da Tiriolândia o missionário Frei Francisco José Goedee, familiarizando o Brasil católico, através de vários órgãos, com uma tribo que ontem ainda era des-conhecida.

Sirvam estas despretenciosas linhas de homenagem aos pioneiros francis-canos que desde 50 anos vêm labutando entre os nossos patrícios silvícolas e em particular ao veterano missionário Frei Plácido Toelle, há 43 anos apóstolo incansável dos Mundurucus.

Frei Venâncio Willeke, OFM

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA DA C.R.B.

Primeiro encontro de Editores Religiosos

Atendendo às sugestões apresentadas nos quatro cursos de jornalismo, o departamento de imprensa da CRB acaba de convocar o primeiro encontro dos Religiosos que dirigem editoras de livros católicos. Comêço do encontro às 8 horas do dia 7 de abril; encerramento dia 8 de abril à tarde. Local: Salão das reuniões do convento de Santo Antônio, largo da Carioca — Rio de Janeiro. Estado da Guanabara.

— PROGRAMA TEMARIO —

- 7 de Abril às 8 horas da manhã, tema: "Como fixar o preço de venda de livros e assinaturas" por Frei Matias Heidemann, OFM Diretor-Contador da Editora Vozes — Petrópolis.
 às 9 1/2 hs. tema: "União dos Editores, sua finalidade, necessidade e vantagens", pelo Pe. Daniel Bissoli, SDB Diretor da Escola Industrial Dom Bosco — Niterói.
 às 15 hs. tema: "Direitos autorais em seus vários aspectos" — pelo Sr. Francisco Schwoerer, Diretor da Herder Editora — Livraria de São Paulo e Nova Iorque.
 às 16 hs. tema: "Promoção de propaganda" por Frei Benevenuto de Santa Cruz, O.P., Diretor da Editora "Duas Cidades" São Paulo.
 8 de Abril às 8 horas da manhã, tema: "Dificuldades atuais das Editoras católicas e como vencê-las?" por Frei Tadeu Glaser, OFM Diretor da Editora Mensageiro da Fé — Salvador Bahia.
 às 9 1/2 hs. tema: "Sugestões para uma coordenação das editoras católicas" pelo Pe. Lucas Caravini, PSSP Diretor da Livraria Missionária do Rio de Janeiro.
 Conclusões do Encontro.

Quinto Curso de Jornalismo para Religiosos

O 5.º curso de jornalismo terá lugar de 10 a 20 de julho próximo em Pôrto Alegre RS, podendo ser feitas as inscrições desde já com o Revmo. Pe. José Tarcísio Vieira, SVD/cx. p. 1641 Pôrto Alegre-RS.

NOVAS FUNDAÇÕES

Palmas, Minas Gerais — Está à venda, a preço facilitado, uma Escola Técnica de Comércio, na cidade de Palma, que dista oito quilômetros da Rio-Bahia, asfaltada. A superfície do terreno é de 16.464 m², com 551 m² ocupados pelo edifício da Escola. Procura-se de preferência uma Congregação Religiosa Masculina, para evitar a infiltração do protestantismo naquela cidade mineira. Mais informações, na Rua Oscar Przewodowski 66, fone 2-6310, em Niterói—RJ.

Nova Lima, Minas Gerais — A Sociedade de São Vicente de Paulo está interessada na colaboração de uma Congregação Religiosa feminina para os serviços no Hospital N. Sra. de Lourdes. O hospital possui três pavilhões: hospital geral, maternidade e sanatório para tuberculosos. É mantido por subvenções, subscrições populares e donativos, além da renda dos diversos serviços que presta a internados em apartamentos e enfermarias diversas, e aluguéis de imóveis. Aproximadamente 15 médicos servem ao Hospital que possui também serviço de cirurgia.

As condições poderão ser tratadas pessoalmente com as Irmãs ou com as Congregações que se interessarem na administração do Hospital, através de correspondência e posteriormente com a ida de um representante do Hospital ao Rio ou local previamente designado.

Ouro Fino, Minas Gerais — As Irmãs da Providência de Gap (Itajubá-MG, C.P. 22) que, por motivos de expansão e fundação de nova Província, são obrigadas a fechar algumas casas no triângulo mineiro, oferecem a outra Congregação feminina a administração da Casa Maternal Coração de Maria, na Fazenda Santa Maria, em Ouro Fino-MG. Precisa-se de três Irmãs para o Ambulatório, Lactário, Assistência Social e Curso Primário. Há possibilidade de entregarem posteriormente nova casa (Hospital, Orfanato ou Escola Normal) na mesma cidade.

PARÓQUIA À SUA DISPOSIÇÃO

Os Padres da Companhia de Jesus oferecem a qualquer Congregação, que a queira receber, a paróquia de Promissão, no Noroeste Paulista. A paróquia pertencia à Missão Jesuíta Japonesa: pois aí estavam estabelecidas muitas famílias nipônicas, e os PP. Jesuítas, que não se ocupam de paróquias, aceitaram esta só por esse motivo especial. Retirando-se pouco a pouco os Japoneses dessa região para terras mais férteis junto de centros maiores, os Jesuítas da Missão Japonesa não veem mais motivo de aí continuarem, tendo outros centros de maior atividade, aliás mal providos por falta de pessoal. Querem pois entregar a paróquia, agora constituída em sua grande maioria de brasileiros, a outros sacerdotes que queiram aceitá-la.

Promissão está a 400 Km, em linha reta ao noroeste da cidade de S. Paulo, com comunicação rodoviária, ferroviária e aérea (por Araçatuba) com Baurú, Campinas e S. Paulo.

Está situada a 410 mts. de altitude, em clima temperado. A sede do Município, Promissão, conta com oito mil almas, a população rural é de dezoito mil. O movimento religioso está bem organizado. Matriz ampla, bem construída, com vasta casa paroquial com acomodação para dez ou mais pessoas, cinema, e associações religiosas em funcionamento: tudo na mesma quadra da Matriz.

Acham-se estabelecidas na paróquia as Irmãzinhas da Imaculada Conceição, congregação brasileira florescente, que têm à sua conta um Ginásio e uma Escola Normal de grande importância e muitas outras obras de apostolado.

A zona rural é servida por umas vinte capelas, entre grandes e pequenas. A paróquia faz parte da diocese de Lins, cidade vizinha ligada a Promissão pela Estrada de Ferro Noroeste e freqüentes comunicações rodoviárias.

BIBLIOGRAFIA

Cón. Francis Trochu. O CURA D'ARS — SÃO JOÃO BATISTA MARIA VIANNEY, Patrono oficial dos Párocos (1786-1859). 2.^a edição. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1960. 488 pgs.

A Editora Vozes, sempre sensível às necessidades da Igreja de hoje nos apresenta de novo com a célebre biografia do Cura d'Ars, que já tem sustentado espiritualmente gerações sacerdotais. Não é só a preo-

cupação científica do autor, nem a inimitável sedução do biógrafo que tornavam urgentes esta segunda edição. Mas é muito mais: o Santo Padre João XXIII consagrou, em 1959, uma encíclica inteira ao santo pá-

roco do século passado (Doc. Pont. n.º 131: "Sobre o sacerdócio"), que constitui, em particular por seu caráter concreto e exemplificado, uma maravilhosa introdução à leitura romance de amor divino que nos: a vida do Cura d'Ars.

Vem religioso dum congregação clerical, que tem tanta probabilidade, aqui no Brasil, de assumir as responsabilidades do múnus paroquial, não pode deixar de aprofundar a vida modelar que lhe apresenta a Igreja; desta maneira preparar-se à oti-

mamente para comentar aos jovens o resumo substancioso contido na Encíclica de João XXIII. Mas o livro não fará menor bem ao leigo católico. Faz poucas semanas um católico convicto, de grande responsabilidade político-social no Brasil, me confiava com que deleite tinha acabado pouco antes a leitura do livro de Trochu, e oferecido o mesmo em presente a um amigo. Se desejarmos suscitar vocações, aconselhamos a leitura encantadora deste romance do amor divino e celestial. E romance verdadeiro!...

Fulton J. Sheen — FILOSOFIA DA RELIGIÃO — pág. 351 — Editora Agir.

No mundo religioso de hoje, é Fulton Sheen uma das figuras mais conhecidas e apreciadas. O público está acostumado a ver esse nome, através dos programas de televisão ou do rádio, onde o grande Bispo exerce estupendo apostolado.

Conhece-o igualmente pela leitura de seus livros, traduzidos aqui ou em Portugal, e originados geralmente das palestras radiofônicas por ele pronunciadas.

São quase sempre livros redigidos em linguagem simples e popular, de caráter apologético.

Uma vez por outra, presentela-nos esse grande apóstolo com obras mais profundas, mais difíceis, mais compactas, demonstrando grande agilidade mental e vasta cultura.

Destas, a Agir nos ofereceu, em fins de 1960, a FILOSOFIA DA RELIGIÃO, grosso volume de 351 páginas, de texto cerrado e, por vezes, miúdo.

Está dividido em quatro partes:

Na primeira: *O espírito da época e a grande tradição*, ele estuda o racionalismo, romantismo, mecanismo, reação contra o mecanismo e o irracionalismo do pensamento moderno.

Na segunda: *Deus e a razão*, discorre sobre a transcendência de Deus e a imanência de Deus.

Na terceira: *O Impacto das ciências sobre a religião*: trata das Ciências Físicas e da Religião, das Religiões comparadas e Filosofia da História e da Religião.

Na quarta: *O Homem e a Religião*, disserta sobre o Homem como problema.

Largando a simplicidade da palestra amiga, como o encontramos na maioria dos seus livros, Sheen atem-se aqui, à linguagem filosófica e teológica, para analisar os diversos assuntos que aborda.

Nesta obra ele não tem pressa. Não se preocupa em ser curto. Ele analisa. Ele cita. Ele transcreve. Ele insiste na documentação.

Ele esclarece. Ele entra nos refólios da questão. Ele traz à ribalta o pensamento dos contraditores. Ele situa cada caso no quadro geral de que faz parte.

É obra destinada a intelectuais da cultura vasta geral e profunda.

Constitui o presente livro verdadeiro cosmorama, apresentando-nos exaustivo estudo comparativo dos diversos sistemas filosóficos e científicos, seguidos de seus corifeus, que trataram das relações entre a Cultura e a Religião.

E fá-lo com uma superioridade de conhecimentos e equilíbrio de raciocínio tais que se fica satisfeito de haver chegado ao fim da jornada, cansado embora, mas reconfortado pela luz calorificante da Verdade.

FILOSOFIA DA RELIGIÃO constitui, no gênero, certamente, um dos mais belos esforços de pensamento como de êxito editorial de nossos dias.

I. J. D.

Thomas Merton — A VIDA SILENCIOSA — pág. 191 — Editora Vozes.

Merton tornou-se a voz profética do nosso tempo, para chamar os homens à realidade de seu destino eterno.

Neste livro, que não atinge 200 páginas, o autor trata do testemunho vivo, apresentado pela vida monástica, cenobítica ou eremítica, como função de render contínuo louvor a Deus e como penhor para a sociedade, das complacências da misericórdia divina.

E fá-lo, dividindo praticamente o trabalho em três partes, se bem que assim não especificadas.

Assim, estuda em primeiro lugar, a conceituação teológica, moral e canônica da "paz monástica" em sentido geral, tomando como padrão modelar S. Bento.

Considera depois, em linhas firmes, embora rápidas e simples, a "vida cenobítica", estudando particularmente a figura do Pai dos Monges: S.

Bento, os beneditinos de modo geral e especialmente as abadias de Solesmes e de La Pierre qui Vire, e cistercienses.

Por fim, atem-se na "vida ca", apresentando-nos magnífica tese das observâncias dos cartos camaldulenses.

O ponto fundamental é sempre o mesmo: a união com Deus, louvando-o no Ofício Divino. Meio: silêncio exterior e interior, defendido pelo trabalho manual e intelectual.

Livro a ser lido por quantos ainda pensam apenas nas realidades terrenas.

Poucos compreenderão dessas maravilhas da graça, descritas por Merton. Mas ainda que não compreendidas, farão pensar... e muito, mormente se forem almas com compromissos anteriormente firmados...

I.J.D.

F. Lelotte SJ, CONVERTIDOS DO SÉCULO XX. Agir. Rio de Janeiro — GB, 1960, 221 pgs.

O Autor apresenta nesta obra a história da conversão de 15 proeminentes figuras no campo das letras, artes, filosofia, etc., do nosso século. O conjunto constitui uma impressionante galeria de biografias, escritas, cada uma, por um historiador especializado. A obra manifesta quão rica é a variedade do encaminhamento da alma humana

para Deus: variedade de ponto de partida, de motivo, de ritmo, de etapas e crises espirituais. A história da alma não se repete; ela é única e estritamente pessoal. Contudo ressoa, através desta sinfonia de generosidade humana, como único dominante, a livre e soberana predileção divina.

Pe. Tiago G. Cloin CSSR

OUTRAS PUBLICAÇÕES ENVIADA A REDAÇÃO:

Luís de Raeymaeker; INTRODUÇÃO À FILOSOFIA; Tradução de Alexandre Correia. São Paulo, Editora Herder, 1961. 288 p.

Pe. G. Michonneau. PARÓQUIA, COMUNIDADE MISSIONÁRIA. Conclusões de cinco anos de experiência em meio popular. Tradução do Pe. Jorge Soares C. M., notas brasileiras do Pe. Durval G. Garcia. Rio

de Janeiro, Livraria Agir Edit., 1961. 300 p.

Antônio Houaiss. CRÍTICA AVULSA. Publicações da Universidade da Bahia, Série II, n.º 23, 1960. 292 p.

Renato Carneiro Campos, ARTE, SOCIEDADE E RELIGIÃO. Publicações da Universidade da Bahia, II, 21, 1960. 120 p.

=====

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1961.

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM CAP.

Censor Eclesiástico